

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO SÓCIO ECONÔMICO

DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

PROJETO ACOLHER:

UMA EXPERIÊNCIA DE TRABALHO EM GRUPOS

DEPTO. SERVIÇO SOCIAL
DEFENDIDO E APROVADO

EM: 15/07/03

CAMILA DE MELO MACIEL


Prof.^a Krystyna Matys Costa
Chefe do Depto. de Serviço Social
CSE/UFSC

Florianópolis – Santa Catarina

2003

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO SÓCIO ECONÔMICO

DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

PROJETO ACOLHER:

UMA EXPERIÊNCIA DE TRABALHO EM GRUPOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do título de bacharel em Serviço Social, orientado pela Professora Ana Luiza de Lyra Vaz.

CAMILA DE MELO MACIEL

Florianópolis – Santa Catarina

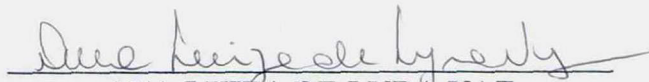
2003

CAMILA DE MELO MACIEL

PROJETO ACOLHER:

UMA EXPERIÊNCIA DE TRABALHO EM GRUPOS

Monografia apresentada como requisito para obtenção do título de bacharel em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina, defendida em 15 de julho de 2003, pela comissão examinadora integrada pelos membros:


ANA LUIZA DE LYRA VAZ
Professora da UFSC


ELIANE TURNES
Assistente Social
CRESS 1230/12


MARCIA FERRARI
Assistente Social

“As pessoas e os grupos sociais têm o direito a ser iguais quando a diferença os inferioriza, e o direito a ser diferentes quando a igualdade os descaracteriza”.

Boa Ventura de Souza Santos

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida e por me ter aberto as portas para este caminho de conhecimento e aprendizagem.

A todos os professores que contribuíram para minha formação, em especial a Lorena e Maria Albertina.

À minha orientadora Ana Luiza de Lyra Vaz, pela atenção, dedicação e paciência que me foram prestadas em todos os momentos que necessitei.

À minha supervisora de estágio, a Assistente Social Iliane Turnes, pela amizade, compreensão e pelos ensinamentos da profissão.

À Assistente Social Márcia Regina Ferrari, pelo apoio e por gentilmente ter aceitado fazer parte da minha banca.

A todos os colegas de classe, especialmente as que estiveram mais próximas nos momentos distantes do curso, Karine, Silvani, Maria Salete e Mônica.

A todos os funcionários da Cidade da Criança: Márcia, Cida, Eliana, Rúbia, Taty, Eunice e Vanda, as estagiárias: Carla e Andréa e as que hoje são profissionais: Lorena e Rafaela, por tudo que fizeram por mim e pela concretização de meu trabalho.

A todas as famílias que atendi, principalmente as que fizeram parte do Projeto Acolher, pois sem elas este trabalho não teria sentido.

Em especial aos meus queridos pais Maciel e Célia, pelo esforço, carinho e incentivo que sempre me dedicaram e por sempre estarem por perto nos momentos difíceis.

Aos meus irmãos Gustavo e Amanda, que sempre torceram por mim e por minha realização pessoal e profissional.

Ao Júnior, meu companheiro, amigo e amor, pelo apoio e pela alegria que proporcionou nos momentos de angústia e preocupação.

A todos os meus familiares e amigos que de certa forma contribuíram para esta realização. Enfim, a todos que estiveram comigo, senão presentes em pensamento.

A todos vocês.... Muito obrigada!

RESUMO

MACIEL, Camila de Melo. **Projeto Acolher: Uma experiência de trabalho em grupos.** Trabalho de Conclusão de Curso. UFSC, 2003/1.

Este trabalho aborda uma experiência realizada com trabalho de grupo, através de uma proposta de intervenção do Serviço Social às famílias inseridas nos programas de Assistência Social da Cidade da Criança do município de São José. Esta proposta deu origem ao Grupo Acolher, que tinha como objetivo, proporcionar espaços de reflexões e debates as famílias possibilitando o acesso e resgate a cidadania. A partir da realização de uma pesquisa semi-estruturada com as famílias que participaram do projeto, constatou-se a importância da intervenção do trabalho social através de uma abordagem grupal, em que se aplicou a “técnica de grupos operativos” junto ao Grupo Acolher, como importante ferramenta de intervenção no atendimento a estas famílias. Sabendo da situação que se encontram estas famílias e da necessidade que demonstram em estabelecer espaços coletivos de lutas, cabe aos profissionais da área social e outras o desafio de concretizá-lo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I	
IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO: CENTRO INTEGRADO DE ATENDIMENTO À CRIANÇA AO ADOLESCENTE E A FAMÍLIA – CIACAF – “CIDADE DA CRIANÇA”	10
1.1 HISTÓRICO	10
1.2 CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO	13
1.3 UM RESGATE DO SERVIÇO SOCIAL E O TRABALHO COM GRUPOS NA INSTITUIÇÃO.....	19
CAPÍTULO II	
O SERVIÇO SOCIAL E A EXPERIÊNCIA DE TRABALHO COM GRUPOS	25
2.1 O PROJETO ACOLHER	25
2.2 A OPERACIONALIZAÇÃO DO GRUPO	30
2.3 A REALIDADE DESVELADA PELA PESQUISA	45
III CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
VI REFERÊNCIAS	57
V ANEXOS	61

INTRODUÇÃO

Este trabalho de Conclusão de Curso pretende discutir a importância do Grupo Acolher, uma proposta de intervenção grupal, às famílias inseridas nos programas de atendimento da Cidade da Criança do município de São José.

As famílias muitas vezes se tornam dependentes de programas da Assistência Social, sendo que estas as beneficiam mais com auxílios emergenciais e eventuais do que com atendimentos que realmente proporcionem condições de auto sustentabilidade de seus membros.

Pelo fato destas famílias terem poucos espaços de discussões e reflexões sobre suas próprias condições de vida e de cidadania, foi criado o Grupo Acolher. Para analisar a experiência vivenciada pelas famílias que participaram deste grupo, nos reportamos a uma pesquisa com as participantes, destacando a importância do mesmo como agente propiciador de possíveis mudanças para suas vidas.

Esta monografia está estruturada em dois capítulos. O primeiro capítulo apresenta a identificação da instituição, a qual foi realizado o estágio, através do histórico e caracterização que apontam os programas e suas relações com a Política de Assistência Social do município. O último item deste capítulo faz um breve histórico da profissão, quanto à mudança de visão do Serviço Social em relação ao então “Serviço Social de Grupo” para então adentrar na discussão do projeto Acolher, objeto principal do presente estudo.

O segundo capítulo trata do Projeto Acolher, apresentando seu objetivo, elaboração e implantação, em seguida a operacionalização do grupo, e para finalizar a pesquisa semi-estruturada que desenvolvi junto a alguns membros do “Grupo Acolher” que pretende revelar o “olhar e a fala” das mulheres entrevistadas sobre o significado desse projeto em suas vidas.

CAPÍTULO I

IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO - CENTRO INTEGRADO DE ATENDIMENTO À CRIANÇA, AO ADOLESCENTE E À FAMÍLIA – CIACAF - “CIDADE DA CRIANÇA”.

1.1 HISTÓRICO

Ao resgatar a história do Centro Integrado de Atendimento à Criança, ao Adolescente e à Família – “Cidade da Criança”, cabe lembrar da própria história da Secretaria do Desenvolvimento Social, do município de São José.

Existe uma parcela significativa da população do município que necessita de apoio e atenção das políticas públicas sociais.

A Secretaria do Desenvolvimento Social foi criada de acordo com a Lei Municipal nº 2749, de 14 de março de 1995, com a finalidade de coordenar as ações municipais direcionadas à implantação e execução de políticas públicas que visem atender as demandas de Assistência Social do município, objetivando, conforme preconiza a Lei Federal nº 8742/93 - Lei Orgânica de Assistência Social - LOAS:

“I) a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência, à velhice; II) o amparo às crianças e adolescentes carentes; III) a promoção da integração ao mercado de trabalho; IV) a habilitação e reabilitação de pessoas portadoras de deficiências e a promoção de sua integração na vida comunitária; V) a garantia de (um) salário mínimo de benefício mensal à pessoa portadora de deficiência e ao idoso que comprove não possuir meios de prover sua própria manutenção ou tê-la promovida por sua família” (1993, Art. 2º, p.3-4).

Fortalecida pela própria política de Assistência Social, a Secretaria do Desenvolvimento Social busca realizar suas atribuições, na tentativa de garantir os direitos e a cidadania, na intenção de abranger as classes menos favorecidas e, especialmente, assumir sua responsabilidade estatal na execução dos programas sociais.

O município de São José, visando garantir às crianças e adolescentes, lesados em seus direitos constitucionais por ação ou omissão da família, da sociedade e do Poder Público, em setembro de 1997, assume a responsabilidade, junto à Secretaria Municipal do Desenvolvimento Social, de desenvolver políticas públicas ligadas à área da criança e do adolescente, objetivando o seu crescimento intelectual e social e o resgate da sua cidadania. Tal proposta deu origem ao Projeto Criança SIM (Sistema Integrado Municipal).

O Projeto Criança SIM era composto por 04 programas, que atuavam através de uma equipe multidisciplinar de Assistentes Sociais, Psicólogos, Pedagogos, entre outros.

Em busca de uma dinâmica integrada e após reestruturações e implementações de alguns Programas do Projeto Criança Sim, criou-se em 14 de Dezembro de 2001, o Centro Integrado de Atendimento à Criança, ao Adolescente e à Família – “Cidade da Criança”.

A Secretaria do Desenvolvimento Social, através do Centro Integrado de Atendimento à Criança, ao Adolescente e à Família “Cidade da Criança”, executa uma política voltada às crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social e bem como de suas famílias.

Numa mesma perspectiva do Projeto Criança SIM, o Centro Integrado de Atendimento à Criança, ao Adolescente e à Família, tem como missão: *“envolver os diversos segmentos da Sociedade, no desenvolvimento de ações sociais dirigidos às crianças, adolescentes e suas famílias, do Município de São José, propiciando oportunidades de estudar, brincar, aprender, resgatar valores favorecendo o relacionamento Interpessoal, buscando qualidade de vida”*.

Situada na BR101, km 202, nº 3697 em Barreiros – São José, a Cidade da Criança, como citado anteriormente, tem como objetivo, articular e integrar as Políticas Sociais Públicas, que garantam os direitos das crianças e dos adolescentes, incentivando o desenvolvimento intelectual, afetivo, moral e social, enfatizando a valorização da família.

A Assistência Social visa atender as necessidades das pessoas que se encontram desprotegidas socialmente, em condições vulneráveis de vida e que passam por momentos de crise conjunturais e estruturais.

De acordo com a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 226 inciso 8º, o Estado assegurará a assistência à família na pessoa de cada um dos que a integram, criando mecanismos para coibir a violência no âmbito de suas relações.

Desta forma, os Programas da Instituição encontram-se articulados para atender as famílias como um todo e não de maneira setORIZADA ainda que os serviços prestados sejam de acordo com a demanda específica de cada um.

Os Programas que compõem o Centro Integrado de Atendimento à Criança, ao Adolescente e à Família são:

- ✓ Programa Abrigo/ Família Substituta/ Apadrinhamento Afetivo;
- ✓ Programa Liberdade Assistida/ Prestação de Serviço à Comunidade;
- ✓ Programa de Erradicação do Trabalho Infantil;
- ✓ Programa Família Cidadã;
- ✓ Programa Anjos de Rua¹;
- ✓ Centro de Referência Sentinela;
- ✓ Centro Educacional e

¹ Este programa ainda não está em funcionamento.

- ✓ Programa de Apoio Sócio Educativo em Meio Aberto, que serão abordados no próximo item deste capítulo.

Os profissionais dos programas da Cidade da Criança, ao trabalhar com as famílias visam além do objetivo geral da instituição, focar o atendimento à família na sua totalidade através do trabalho multidisciplinar e assim atendendo a perspectiva da Política de Assistência do município como todo.

1.2 CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

O Centro Integrado de Atendimento à Criança, ao Adolescente e à Família “Cidade da Criança” tem como objetivo articular e integrar as Políticas Sociais Públicas que garantam a toda criança, adolescente e família, do município de São José, seus direitos de cidadania.

Possui atualmente oito programas de atendimento e, como vimos no item anterior, apenas o programa Anjos de Rua não está em funcionamento, conforme podemos visualizar no organograma da instituição. (anexo)

Antes de adentrar na discussão dos programas cabe ressaltar a importância que as políticas sociais ocupam no âmbito familiar, pois muitas vezes são elas que garantirão condições básicas de sobrevivência.

Ao mesmo tempo em que a família é objeto de intervenção do Serviço Social, não há uma política de atenção voltada para esta instituição, a família.

As políticas de atendimento se dão de forma fragmentada, isto é, através da figura do idoso, criança e adolescente, mulheres, deficientes físicos. Para Costa apud Takashima (1994), a agravante disto é que todos estes segmentos foram vistos sempre de forma isolada e descontextualizada, até mesmo de seus valores sócio-culturais.

Sendo assim, apesar da falta de Política Pública específica, a família acaba se inserindo em distintas políticas públicas de áreas como a saúde, educação e habitação, e pelos segmentos que a compõem, isto é, criança, adolescente, mulher e idoso.

De acordo com Buffon (2002), família não é vista como uma totalidade e sequer é considerada a multiplicidade existente em seus arranjos familiares. É por isso que os programas, projetos e serviços são voltados às famílias que não corresponderam no cumprimento de suas funções e papéis, enquadrando todas em um único modelo familiar.

As ações realizadas, através dos programas de atendimento da instituição, estão regulamentadas na Constituição Federal e nas seguintes Leis:

- Lei 8069/90 – Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, preconiza a proteção integral à criança e ao adolescente através dos seus 267 artigos;
- Lei 8742 – Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS, dispõe sobre a organização da Assistência Social como direito do cidadão e dever do estado:

“Art. 1- A Assistência Social, direito do cidadão e dever do Estado, é Política de Seguridade Social não contributiva, que prove os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade para garantir o atendimento às necessidades básicas.” (1993, Art. 1º, p. 2).

- Lei 9394 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, que dispõe em seu artigo 2º que a educação é dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Entre as ações que abrangem a rede de proteção do município, podemos destacar:

- Programa de Saúde da Família que pretende mudar o atual modelo assistencial num modelo de prevenção e proteção à saúde, no qual as comunidades são atendidas por

equipes compostas por um médico, um enfermeiro, dois auxiliares de enfermagem e seis agentes comunitários de saúde.

- Projeto Criança 21: objetiva o acompanhamento à saúde da gestante, através do pré-natal, e o acompanhamento ao recém-nascido desde a maternidade que se estende à unidade de saúde mais próxima da residência.
- SISVAN / Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional: tem como objetivo o acompanhamento e atendimento com leite especial para crianças que apresentem baixo peso, desde seu nascimento até cinco anos de idade.

Estas ações estão ligadas às Secretarias de Saúde e Educação (Apóia e Bolsa Escola) do município, que visam atender as crianças e adolescentes bem como suas famílias.

Vale destacar que muitas vezes a família não recebe o atendimento que lhe caberia por falha nesta rede. Por exemplo, quando uma criança de um ano apresenta baixo peso e necessita de leite especial, é encaminhada a um programa da Cidade da Criança sendo que seria responsabilidade do SISVAN estar prestando atendimento a esta família.

As famílias que tiveram seus direitos lesados, e que através de outras instituições foram encaminhadas aos programas da Cidade da Criança, serão inseridas de acordo com a demanda que apresentam, tendo em vista as Leis citadas anteriormente e que integram a rede de proteção do município.

As famílias atendidas na instituição são encaminhadas, principalmente pelo Conselho Tutelar, sendo este “órgão permanente e autônomo, não jurisdicional, encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos das crianças e dos adolescentes” (Art. 131 do Estatuto da Criança e do Adolescente).

Além do Conselho Tutelar, o encaminhamento pode ser pelo Fórum de Justiça de São José, hospitais, postos de saúde, Fundação Catarinense de Educação Especial, pelo Departamento de

Serviço Social e de Psicologia da Secretaria de Desenvolvimento Social e demais programas existentes na Cidade da Criança.

Ao chegar a instituição é aberto um dossiê para cada família, o qual passa por uma triagem e então é encaminhado a um programa de acordo com a demanda específica que foi apresentada.

As famílias que chegam à instituição apresentam as mais diversas questões de violência, Trabalho Infantil, envolvimento com drogas, conflitos com a lei, negligência familiar, entre outros. É frente a estas questões que os programas realizam sua atuação na figura dos profissionais de Serviço Social, Psicologia, Pedagogia, e outros da instituição.

Quanto aos programas vale especificar o que compete a cada um.

O Programa Abrigo tem como objetivo, executar medida de proteção, provisória e excepcional, prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente, para atender crianças e adolescentes do município de São José desprotegidos e em estado de abandono social e/ou com seus direitos fundamentais violados, não implicando em privação de liberdade.

O Programa Família Substituta visa atender as múltiplas necessidades das crianças e/ou adolescentes que estão em situação de violência física, sexual, psicológica, negligência, maus tratos, abandono social, impossibilitados de retornar de imediato à família de origem, inseridos no programa Abrigo.

Quanto ao Programa Apadrinhamento Afetivo, visa oportunizar as crianças e/ou adolescentes inseridos no Programa Abrigo, a construção de vínculos afetivos, que possam aflorar seu lado subjetivo e desenvolver potenciais que estejam reprimidos por falta de estimulação, atenção e afeto; proporcionar, através do padrinho ou madrinha afetivo, o auxílio material, como a participação de cursos, passeios, acompanhamento médico, etc; possibilitar às crianças e/ou adolescentes, através do apadrinhamento afetivo, momentos de lazer e diversão, considerados também importantes para o desenvolvimento de sua subjetividade.

Estes três programas funcionam de forma paralela e seu atual quadro de funcionários inclui: uma Assistente Social, uma Psicóloga Voluntária e uma estagiária de psicologia.

Os programas Liberdade Assistida e Prestação de Serviços à Comunidade, têm o objetivo de Assistir, Promover e Orientar o adolescente (12 a 18 anos, excepcionalmente até 21 anos), autor de ato infracional, no que diz respeito à sua formação educacional, profissional, familiar, bem como em seu desenvolvimento biopsicossocial; através de acompanhamentos sistemáticos, informando regularmente ao Juizado da Infância e Juventude da Comarca de São José sobre sua atual situação. A equipe implica na presença de uma Assistente Social, um Psicólogo e duas estagiárias de Serviço Social.

Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) – atende crianças e adolescentes, com faixa etária de sete a quinze anos incompletos, que se encontram em situação de trabalho e exploração infantil, nas atividades consideradas penosas, insalubres e degradantes, juntamente com suas famílias, proporcionando através da bolsa Criança Cidadã, no valor de 40 reais, o acesso ao ensino básico fundamental, bem como a garantia de seus direitos e de cidadania, contribuindo para o seu pleno desenvolvimento psico-pedagógico-social. O quadro é composto por duas Assistentes Sociais e uma psicóloga.

O Programa Família Cidadã visa atender as necessidades das crianças e adolescentes e suas famílias, em caráter emergencial ou temporário, através da assistência de auxílios materiais, orientação, apoio e acompanhamento, a fim de resguardar seus direitos enquanto cidadãos. Muitas vezes atende famílias cujo encaminhamento foi por medida de proteção à criança ou adolescente através do juizado. Neste programa atuam duas Assistentes Sociais, duas estagiárias de Serviço Social, uma Psicóloga e duas estagiárias de Psicologia.

Anjos de Rua - este Programa tem como objetivo, estabelecer contato com a criança e/ou adolescente em situação de rua, oportunizando ações de educação social de rua, considerando

suas expectativas e vivências, encaminhando-os aos recursos sociais e comunitários que garantam seus direitos violados.

Quanto ao Centro de Referência Sentinela é um serviço de natureza especializada e permanente, implantada no município de São José em parceria com o Ministério da Previdência e Assistência Social, objetivando desenvolvimento de ações sociais especializadas de atendimento e proteção imediata a Crianças e Adolescentes vitimizados e suas respectivas famílias, também como o combate, a prevenção e erradicação do fenômeno da violência. Os objetivos e atividades são definidos contemplando 06 eixos: Atendimento; Prevenção; Defesa; Responsabilização; Mobilização; Articulação. A equipe engloba Assistentes Sociais, Psicólogos e Educadores.

O Centro Educacional Municipal Cidade da Criança proporciona um processo de interação entre ensino e aprendizagem, envolvendo a construção, a transmissão e a aquisição de conhecimentos sistematizados para o desenvolvimento das habilidades necessárias à inserção do cidadão no mundo do trabalho, bem como para a convivência social, crítica e transformadora.

O Programa Apoio Sócio-Educativo Em Meio Aberto (ASEMA), visa proporcionar às crianças e ou adolescentes inseridos no Centro Integrado de Atendimento à Criança, ao Adolescente e à Família, um espaço aberto, criativo e estimulador onde a arte, a cultura, o esporte, o lazer e a profissionalização possibilitem, com o tempo, o resgate de suas necessidades psicopedagógicas-sociais.

A integração entre os programas acontece através de reuniões de estudo de caso, no qual participam todos os programas, na figura de seus coordenadores e o diretor geral da instituição.

Nesta reunião, cada Programa seleciona casos que julgue necessários serem socializados e discutidos, para posteriormente serem decididos em conjunto às providências cabíveis e encaminhamentos necessários.

A relação entre as Assistentes Sociais e demais profissionais dos programas é extremamente necessária e importante. Um fator que auxilia no atendimento de uma família, é a troca de informações dos profissionais entre programas, um exemplo é quando uma criança ou um adolescente faz parte de um programa, Sentinela ou outro e simultaneamente frequenta o Sócio educativo em meio Aberto, ou seja, uma integração.

Entendemos que, para não atender a família de maneira desarticulada e setORIZADA é necessário uma interação entre os profissionais desta Instituição com as demais que as atendem, porém, se pode observar que esse procedimento não era utilizado com a frequência necessária.

No próximo capítulo apresentaremos o trabalho com grupos no Serviço Social desta Instituição, como estratégia de intervenção às famílias através do Projeto Acolher, criado com o objetivo de integrar e articular as famílias no sentido da formação de uma identidade coletiva.

1.3 O RESGATE DO SERVIÇO SOCIAL E O TRABALHO COM GRUPOS NA INSTITUIÇÃO

Para entendermos o sentido da produção deste trabalho, consideramos importante colocar num primeiro momento uma breve recuperação da história do Serviço Social, no que tange à superação do Serviço Social de Grupo para uma perspectiva histórico-estrutural dos sujeitos coletivos, para assim adentrarmos na discussão que permeia o atual trabalho com grupos na Cidade da Criança.

A profissão de Serviço Social passou e passa até hoje por transformações decorrentes do desenvolvimento da sociedade, no qual as ações profissionais se modificam de acordo com a demanda existente em cada período, processo estreitamente ligado ao desenvolvimento do país.

O Brasil é marcado por lutas de diversos grupos da sociedade, por reformas estruturais, no qual acredita-se na possibilidade de mudanças. O Serviço Social também faz parte das discussões que visam mudanças e reformas, pelo fato de sua ação estar relacionada às “questões sociais”.

As discussões em torno da profissão sempre foram evidentes e marcantes, principalmente no período em que ocorreu o Movimento de Reconceituação do Serviço Social, no qual alguns profissionais buscavam a adequação da profissão às demandas de mudanças sociais no âmbito mundial.

O movimento ocorreu a partir da década de 65, se consolidando na década de 70, permanecendo por um período de aproximadamente 10 anos.

No Brasil a perspectiva da “modernização” impôs-se pela via ditatorial. Segundo Wanderley:

“De outro lado alocavam-se as diferentes posições ensejadas pelos próprios profissionais que questionavam o Serviço Social “tradicional”. Havia um segmento profissional que postulava uma atualização do Serviço Social e, conseqüentemente, sem questionamento de seus fundamentos teóricos-metodológicos, ideológicos, políticos etc. Um outro segmento buscava uma real ruptura com os modelos anteriores”. (WANDERLEY 1998, p.39).

Como podemos perceber, no movimento de reconceituação, identificou-se a presença de várias vertentes que se expressaram através de produções teóricas metodológicas distintas, no qual ora se questionava a tradição ora a transformação.

Dentre estas produções pode-se destacar documentos importantes como os Documentos de Araxá, Teresópolis e Método de BH, que refletiram a influência da ideologia política da época, visando a integração de profissionais e desta forma contribuindo para as mudanças que vinham ocorrendo na profissão.

Ainda que a perspectiva modernizadora não tenha rompido com as posturas conservadoras no Serviço Social, contribuiu para uma nova visão forjada nos atuais princípios éticos-políticos

da atualização da profissão, sem esquecer do constante desenvolvimento que se dá no interior da mesma, em meio às relações sociais divergentes da sociedade que permeia a ação do profissional seja qual for o âmbito de atuação.

Ammann *apud* Wanderley (1998), afirma que a reconceituação do Serviço Social apontara para os limites da ação profissional no interior das instituições. (...) “apontou a possibilidade da ação do Serviço Social junto aos movimentos populares, como alternativa de criação de um vínculo orgânico com a classe dominada”.

A questão da atuação em instituições provocou debates e discussões, afinal atuar em uma Instituição, na maioria das vezes pública, significaria colaborar com a classe dominante e a proposta era exatamente lutar contra as imposições dominantes dando margens à ruptura e libertação.

No Movimento de Reconceituação, os protagonistas, de acordo com Martinelli (1997), buscavam romper com o processo alienante no qual a profissão estava historicamente inserida e para tanto começam contestando o que até então havia sido tomado como válido e real na profissão sem um processo efetivo de reflexão, buscavam superar a representação imediata as quais se detinham as primeiras Assistentes Sociais em suas práticas. Nesse sentido, afirma a autora:

“Tornando-se críticos de sua prática e da identidade a qual estava referenciada, adquiriam condições de refletir, procurando desvendar as tramas do real, para poder compreendê-lo, conhecendo a sua estrutura, captando a sua essência. Nesse movimento de busca, que exige oposição, negação, contradição a identidade atribuída ao Serviço Social era questionada, revisitada pelos ‘agentes críticos’, revelando suas inconsistências, fragilidades e submissões à lógica instituída pela sociedade de classe”. (MARTINELLI, 1997, p. 139-140)

Uma importante visão do Serviço Social está em romper com estas imposições, gradativamente assumindo participação no desenvolvimento nacional e ao mesmo tempo dando

margens a uma ideologia libertadora no qual o sujeito se percebe como próprio sujeito de sua história.

Conforme Wanderley (1998), aponta em seu trabalho, “a disciplina de Serviço Social de Grupo, juntamente com a disciplina de Serviço Social de Caso e Serviço Social de Comunidade, eram correlativas em seus métodos e técnicas, porém seus estudos eram diferenciados e focalizados”.

Também por este motivo se fez necessário o movimento de renovação do Serviço Social, apesar de ter sido conflituoso e lento.

“O Serviço Social, enquanto profissão inserida no espaço contraditório das relações sociais, é expressão das necessidades históricas dos grupos e classes sociais, sobretudo daquelas imbricadas e decorrentes da questão social. Sofre, portanto, os desafios, influências e tensões que ocorrem no âmago da própria sociedade”. (WANDERLEY, 1998, p.58)

Para Iamamoto (1997), “a questão da ruptura com a herança conservadora, caracteriza-se por uma busca de novas bases que possam legitimar a ação profissional”.

Ao final do Movimento a profissão enaltece na dimensão política da sociedade.

“O objetivo da prática social transportava-se, assim, para uma outra dimensão onde a busca fundamental passava a ser a produção de novas relações sociais, a superação da sociedade capitalista. Sua legitimidade decorria de seu caráter mediador no processo de transformação da realidade, de busca de novas totalizações sociais. Uma nova dinâmica se colocava para o exercício profissional, baseando-se no movimento e não na estagnação, na ação coletiva e não na particular, na produção do novo e não na sacralização do instituído”. (MARTINELLI, 1997, p. 151)

O Serviço Social, antes compartimentado, trabalhava através do indivíduo e o caso específico e atualmente a atuação permeia este indivíduo, como sujeito coletivo através da demanda expressa no contexto da sociedade em que se vive.

O fato da disciplina que abordava o Serviço Social de Grupo não fazer mais parte dos currículos, não significa que a prática de trabalho em grupos tenha desaparecido, pelo contrário, é

cada vez mais crescente a atuação de Assistentes Sociais, seja através de Instituições Públicas, privadas ou ONG'S, em projetos que visem a integração do sujeito coletivo através de grupos.

A prática vivenciada durante o período de estágio possibilitou avaliar a importância da atuação do Assistente Social no trabalho com grupos como estratégia de intervenção, principalmente no que se refere ao trabalho com famílias.

Em 2001 a Cidade da Criança realizou o primeiro trabalho de grupos da instituição, com o intuito de trabalhar temáticas referentes à violência, negligência familiar, educação, questões de higiene e uso de drogas, com os pais das crianças e adolescentes do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI.

A equipe do Programa, através do “grupo de orientação para pais” deu início ao trabalho de Grupo, criado também como uma estratégia para superar o atendimento individual, na tentativa de criar espaços, onde se forje uma identidade grupal, em torno dos problemas e necessidades comuns.

Contudo, vale ressaltar, que essa tentativa se deu de forma pontual e setorializada, tendo em vista que os demais usuários da instituição, ou seja, dos outros programas, não integraram o grupo.

A importância de um grupo, segundo Gayotto:

“Está em reconhecer junto com os outros o motivo de estarmos juntos, explorar meios para realizar algo em conjunto e nos reconhecer como pessoas junto com as outras. Pessoas de uma mesma sociedade, de uma mesma época histórica, de um mesmo país, de uma mesma classe social”. (GAYOTTO. 1985, p.15).

No ano de 2002, em uma mesma perspectiva do “grupo de pais”, porém abrangendo as famílias de todos os programas da Cidade da criança, foi criado o Projeto Acolher. Projeto este que deu início ao “Grupo Acolher”, com o propósito de favorecer o conhecimento e acesso à

cidadania das famílias através da técnica de grupos operativos², que serão analisados no próximo capítulo.

O próximo capítulo versa sobre a proposta do Projeto Acolher e sua realização através da formação do primeiro Grupo Acolher.

² Este conceito será explicado no item 2.2 do segundo capítulo.

CAPÍTULO II

O SERVIÇO SOCIAL E A EXPERIÊNCIA DE TRABALHO COM GRUPOS

2.1 O PROJETO ACOLHER

A equipe dos programas, na figura de seus coordenadores, descontentes com a atual estratégia de atendimento à família, até então realizada através de visitas domiciliares e atendimento de plantão, se reuniu para elaborar uma nova alternativa de intervenção que possibilitasse uma abordagem mais contínua e sistemática no atendimento a estas famílias.

Neste contexto, de acordo com Miotto, a família está sendo tomada como:

“um núcleo de pessoas que convivem em um determinado lugar, durante um lapso de tempo, mais ou menos longo e se acham unidas (ou não) por laços consangüíneos. É marcado por relações de gênero e, ou de gerações, e esta dialeticamente articulada com a estrutura social a qual está inserida.” (MIOTTO, 2000. p.217).

Os profissionais dos programas que compõem o Centro Integrado de Atendimento à Criança, ao Adolescente e à Família, preocupados com a exclusão e abandono social em que se encontram as famílias que não conseguem prover sua própria subsistência, criaram o Projeto Acolher, que tem como objetivo proporcionar espaços de reflexão e debate, o que não vinha ocorrendo nos atendimentos individuais, com os pais/responsáveis das crianças e adolescentes acompanhados pelos programas de atendimentos desta Instituição.

Mediante falta de documentação sobre grupos operativos no Projeto Acolher, procurou-se através de um questionário semi-estruturado com questões abertas, abordar os profissionais responsáveis pela implementação do Projeto na Instituição, no sentido de explicitarem a fundamentação aplicada a este grupo.

O questionário foi aplicado a quatro Assistentes Sociais e a uma psicóloga, composto pelas seguintes questões, cujas respostas se encontram em anexo.

1. Com que objetivo foi criado o Grupo Acolher?
2. Por que a escolha de um Grupo Operativo para trabalhar com este grupo?
3. Você considera que o grupo se desenvolveu dentro desta técnica?
4. Que avaliação faz do grupo?
5. Que motivos impediram sua continuidade?
6. Com que objetivo foram elaboradas as questões aplicadas no primeiro encontro?

Pudemos observar que as respostas colhidas a partir destas questões se deram de maneira sucinta e direta, sem muitas reflexões aprofundadas, acredita-se que pela falta de condições das profissionais em realizar ações que não façam parte de seu cotidiano, como esta pesquisa.

No que se refere ao objetivo da criação do grupo, as entrevistadas responderam de forma muito semelhante, afirmando que o objetivo dos profissionais era estabelecer um espaço de interação e integração entre as famílias dos programas, visando um atendimento mais sistemático às mesmas.

De acordo com uma das entrevistadas, “tendo em vista o fato de que as políticas sociais no século XXI vêm se redimensionando em programas cada vez mais focalizados e seletivistas, fragmentando desta forma, o atendimento prestado às famílias, o Projeto Acolher surge como uma proposta de integração dos programas disponibilizados pela Secretaria de Desenvolvimento Social de São José”.

Um fator presente em quase todas as respostas, que também respalda o objetivo da criação do projeto, é a falta de profissionais nos programas para atender a crescente demanda do município e a necessidade de estabelecer ações que fortalecem as famílias frente às questões que enfrentam cotidianamente, conforme a seguinte fala:

“O Grupo Acolher foi criado para atender a necessidade de se trabalhar com as famílias atendidas pela Cidade da Criança, de maneira diferente das já constituídas no cotidiano dos

programas, no qual se pudesse proporcionar ‘momentos de reflexões e debates’ que colaborassem para o fortalecimento das mesmas frente às questões sociais enfrentadas em particular por cada uma delas, respaldados em princípios de cidadania”.

Sendo assim, a proposta de intervenção grupal, possibilitaria que a instituição atingisse um maior número de famílias, trabalhando então de maneira sistemática com as mesmas.

Quanto à segunda e a terceira questão, que se referem à concretização da técnica escolhida para se trabalhar com o grupo, pode-se perceber um certo descompasso nas respostas.

Dentre as entrevistadas apenas uma considerou que o grupo não se desenvolveu integralmente dentro da técnica de grupo operativo, como podemos observar na sua fala:

“Considerando as atividades iniciais propostas pelos operadores do grupo, eu acredito que não. Afinal estas propostas foram desenvolvidas e necessárias pela necessidade e importância de sensibilizar o grupo de sua condição e problemática no contexto familiar e social. Todavia, o que foi ‘semeado’, com certeza servirá de alicerce para planejamento de futuros e possíveis resultados, considerando a proposta de grupo operativo”.

As demais entrevistadas afirmaram que a técnica de grupo operativo: “foi uma alternativa encontrada para se trabalhar temas pertinentes à realidade de todas as famílias inseridas nos programas, possibilitando a participação, a troca de experiências e a **aprendizagem** construída a partir de suas vivências”. Ou seja, “proporciona aos participantes um amadurecimento, pois são nas interações sociais que os indivíduos se motivam, se disciplinam, sendo reforçados ou desencorajados para continuar agindo”.

Desta forma, se pode perceber, que este espaço possibilita ainda a troca de informações, a elevação da auto-estima, o autoconhecimento e principalmente auxilia as pessoas em seus relacionamentos sociais.

As famílias que integraram o Grupo Acolher eram beneficiadas pelos demais programas da instituição, ressaltando que algumas já vinham sendo atendidas há um ano ou mais.

Algumas destas famílias, por exemplo, começaram a ser atendidas enquanto crianças e agora, adultos, elas mesmas são atendidas através de seus filhos, pelos mais diversos motivos citados anteriormente (item 1.2) formando um ciclo de reprodução das situações.

No entanto, ao observar, a partir dos atendimentos prestados às famílias, através de entrevistas individuais e visitas domiciliares, constatou-se que poucas mudanças ocorriam no que se refere à frequência escolar dos filhos, a inserção dos membros adultos em alguma atividade produtiva, entre outros.

O processo e o critério de desligamento da instituição também demonstram como os demais programas se destinavam a suprir carências imediatas, sem proporcionar a devida sustentabilidade às famílias. Tanto que o desligamento tende a ocorrer assim que a família apresenta uma maior estabilidade, principalmente financeira (falta da necessidade de auxílio alimento, leite, medicamentos entre outros), no qual a estruturação social e psicológica da família ainda deixava a desejar.

Neste sentido se entende que a equipe profissional resolveu implementar uma nova forma de atendimento a essas famílias, para lhes proporcionar algum nível de mudança, que viesse minorizar a precária situação social em que se encontravam.

Uma vez que as famílias já vinham sendo atendidas em suas necessidades básicas pelos demais programas, a equipe visualizava a necessidade de fortalecer e manter um apoio sistemático às dificuldades decorrentes de um cotidiano configurado pela pobreza e violência. Conforme afirma a autora:

“a tendência histórica é de considerar os processos de atenção às famílias através de sua incapacidade, e por isso os programas de orientação e apoio atendem as faces mais cruéis do problema, relacionadas à infância e à juventude,

ao invés de se voltarem mais às dificuldades cotidianas das famílias, dando sustentabilidade e apoio, pois assim os momentos não se tornariam limites”.(MIOTO, 2001).

A análise desse processo na instituição, leva a equipe profissional a implantar o Projeto Acolher, com o objetivo de proporcionar momentos de reflexões e debates, a partir de grupos operativos que possibilitem o conhecimento, o acesso e resgate da cidadania das famílias.

O fato de não ter sido traçado um perfil atual destas famílias, foi consequência da falta de tempo disponível no final do período de estágio. Porém, encontra-se disponível nos programas os quais estão inseridos, os cadastros sócios econômicos que demonstram que estas famílias se encontravam em estado de vulnerabilidade em relação às drogas, violência e precariedade de recursos à sobrevivência, no qual conseqüentemente necessitavam de maior atenção e orientação.

Ainda em anexo constam os gráficos com os dados do questionário aplicado às participantes, no primeiro dia de encontro, que apresentam aspectos relativos à escolaridade, ocupação ou atividade profissional, casos de doença na família, entre outros.

O Projeto Acolher deu origem ao “Grupo Acolher”, o qual se constitui como objeto do presente estudo, efetivando sua formação com a participação de quinze mães, apesar do convite ter se estendido a vinte e cinco pais e responsáveis das crianças e adolescentes inseridos nos programas da instituição, como se pode observar no quadro a seguir:

Programas	Família Cidadã	L.A/ PSC	PETI	Sentinela
Participantes				
A. C			X	X
A. S	X			
C. M			X	
G. M		X		
I. P		X	X	X

I. S	X			
J. F		X		
L. C	X			
N. S			X	
N. M			X	
R. G	X			
R. V			X	
S. F		X		X
S. M		X		
T. C	X			

Para o acompanhamento das famílias além dos dias de Encontro do Grupo, realizava-se visitas domiciliares e atendimento individual uma vez por semana, no qual cada semana um programa disponibilizava o carro para as visitas.

Logo após a formação do Grupo Acolher, com as famílias apresentadas no quadro anterior, se deu início à realização dos encontros, que ocorreram semanalmente pelo período de três meses e quatorze dias.

No próximo item apresentaremos a operacionalização dos encontros, no sentido de explicitar como foi aplicada a “técnica de grupos operativos” junto ao primeiro “Grupo Acolher”.

2.2 A OPERACIONALIZAÇÃO DO GRUPO ACOLHER

Neste sentido consideramos significativo situar em um primeiro momento o trabalho realizado com grupos, mais especificamente grupos operativos, para compreender como se deu

esta proposta no Acolher, e em seguida observar então estes aspectos na prática, através dos encontros.

O Homen como ser humano e parte integrante da sociedade, desde o momento que nasce e no decorrer de sua vida, passa a fazer parte de grupos. Seja ele a família, a escola, a igreja, o local de trabalho entre muitos outros no qual ocorrem suas relações.

A idéia de democracia, desde o início esteve presente no trabalho grupal. De acordo com Oliveira (2001) “o Serviço Social de grupo baseou-se no indivíduo como um foco de mudanças, e no grupo como um meio propício para tal”.

O trabalho desenvolvido com grupos não é tarefa fácil, porém se embasado em técnicas e métodos alternativos que favoreçam a reflexão tanto no âmbito individual, quanto coletivo do indivíduo, pode apresentar resultados significativos. Tal como pretendemos demonstrar no item seguinte, através da pesquisa realizada com as famílias.

Sendo assim, para melhor abordar a discussão a qual nos propomos, nos procedemos a uma intervenção profissional, buscando a partir de uma pesquisa bibliográfica, elementos para melhor fundamentação deste trabalho, através das produções do Serviço Social e também fundamentos da psicologia.

Tendo em vista a perspectiva trabalhada no projeto Acolher, através de grupos operativos, convem-nos reportar esta discussão a Pichon-Rivière, um dos autores especializados em estudo de grupos operativos, no qual sua técnica é centrada na tarefa.

Segundo Pichon *apud* Guimarães:

“Grupo operativo é um conjunto limitado de pessoas (de dez a quinze integrantes) ligadas por constantes de espaço e tempo, articuladas por sua mútua representação interna, interagindo por meio de complexos mecanismos de assunção e atribuição de papéis, constituindo como finalidade a consecução de uma tarefa explícita ou implícita”. (GUIMARÃES, 2002. p.167).

Estes grupos cobrem os seguintes campos: ensino-aprendizagem, comunitários, institucionais e terapêuticos. A técnica da tarefa, realizada nos trabalhos com grupos operativos, é utilizada como instrumento de aprendizagem, que faz com que as pessoas se reúnam e fortaleçam sua dinâmica a partir desta.

Para entendermos como se dá o processo de desenvolvimento de um grupo operativo, é necessário apontar os momentos pelo qual o grupo passa, sempre visando a aprendizagem.

Segundo Guimarães (2002) “o momento de pré-tarefa ocorre quando os integrantes do grupo encontram-se centrados em si mesmos, resistentes, temerosos às possíveis alterações e mudanças que venham ocorrer-lhes”.

Para realização dos encontros, buscou-se sempre uma tarefa alternativa para que favorecesse o interesse e participação do grupo. Eles tinham duração de duas horas e meia em um encontro por semana no período vespertino. Para observar estas questões na prática, passaremos a relatar trechos de cada Encontro, sendo simultaneamente fundamentado por esta técnica.

1º ENCONTRO

O primeiro encontro teve início no dia 12 de agosto de 2002, no auditório da Cidade da Criança às 14:30. Neste encontro foi explicado aos participantes o objetivo do projeto enfatizando a importância da participação de todos, para que se colocassem realmente como parte integrante deste processo e conseqüentemente da sociedade.

A equipe de profissionais que estava presente aplicou um questionário, para conhecer um pouco mais as participantes e para obter alternativas de como estar trabalhando com o grupo.

Logo após as explicações, abriu-se espaço para que elas fizessem suas colocações quanto à proposta do projeto, porém neste momento as pessoas se mostraram muito tímidas e temerosas,

acredita-se que pelo fato de ser o primeiro contato que tiveram com as demais do grupo e ainda não ter claro qual o seu papel ‘nesta história’.

Segundo Gayotto (1985) “é um momento em que as coisas estão confusas na cabeça de cada um, pelo fato de ser um grupo novo faz as pessoas sentirem muitas coisas e não deixa claro o que cada um está sentindo ou pensando. Neste momento as pessoas ainda não se conhecem, ou seja, é comum apresentarem esses tipos de sentimentos e inquietações”.

O grupo decidiu que as reuniões se realizariam sempre às 14:30 horas no mesmo local apenas alteraram o dia para terça feira ao invés de segunda.

2º ENCONTRO: Auto Cuidado e Higiene.

Para que o grupo passasse a se identificar enquanto grupo e indivíduos coletivos, foi elaborado um crachá com o nome de cada participante. Após cada uma fazer sua apresentação, falou do que esperava do grupo e dos encontros:

“Aprender mais”;

“Venho procurar paz e união”;

“fazer uma atividade diferente”;

“Aprender com o grupo em geral, às vezes não estamos educando os filhos da forma correta”.

O programa Sentinela, responsável pelas atividades deste dia, diferente do primeiro encontro no qual estavam presentes todos os profissionais envolvidos no projeto.

Em um primeiro momento realizou-se uma dinâmica na qual cada participante falou da experiência de perceber sua imagem refletida no espelho, com o objetivo de trabalhar a questão da auto-estima refletindo através de frases como:

“Eu posso ser amado”;

“Eu sou importante”;

“Eu tenho valor”;

“Sei que tenho algo a oferecer aos outros”;

“Posso dirigir a mim mesma com competência”;

“Posso dirigir meu ambiente com competência”.

As pessoas quando se vêem diante de dificuldades as quais julgam difícil e às vezes incapazes de resolver, perdem a auto-estima e começam a perder a segurança em si mesmas. Sendo assim, através desta dinâmica, buscou-se enfatizar a importância e o valor que cada pessoa tem, tanto para si quanto para sua família.

Para o fechamento do encontro foi colocada uma música e neste momento as pessoas se abraçaram desejando paz umas às outras. Pelo fato de ainda estarem passando por um momento de aproximação e conhecimento, percebeu-se que algumas pessoas não se sentiram totalmente à vontade durante as atividades.

Sabe-se que a sistematização destes momentos, depende muito do desenvolvimento individual e coletivo de cada indivíduo dentro do grupo.

Todos os integrantes de um grupo trazem consigo seu mundo interno, conforme suas histórias vividas. São histórias constituídas pelas suas relações pessoais, familiares, profissionais e comunitárias. O mundo interno é o mundo individual de cada um, construído nestas relações grupais e sociais, e este determinará a forma peculiar de as pessoas se relacionarem com o mundo externo. (GUIMARÃES, 2002. p. 168).

Ao formarem grupos, os participantes estabelecem novas relações entre si, um integrando o mundo interno do outro e envolvendo suas relações, no qual são de extrema importância, a comunicação e o diálogo.

3º ENCONTRO: Famílias e Redes de Apoio

A equipe responsável pela reunião deste dia foi do Programa família Cidadã. O objetivo deste Encontro era refletir sobre a importância da família nas relações sociais conforme o tema previsto. Para esta abordagem, cada participante compôs sua família em uma folha de papel, através de figuras de revistas e em seguida refletiu sobre sua família.

Dessa maneira, o espaço grupal é construído para que as pessoas possam ter oportunidades de rever suas histórias pessoais e ações que se tornaram referenciais para suas relações com os membros de suas famílias e com o mundo. (GUIMARÃES, 2002. p. 172).

Algumas ao se identificar com a história de outras, formaram duplas e iniciaram um diálogo, outras falaram para o grupo em geral. Neste momento as pessoas ficaram muito emocionadas ao lembrar de situações tristes que passaram com a família ou pela perda de um membro da família.

As pessoas apresentam sempre a necessidade de se comunicar para qualquer coisa que queiram fazer em sua vida, desta forma percebe-se a importância da comunicação dentro de um grupo no qual as pessoas estão unidas por um objetivo comum.

4º ENCONTRO: Avaliação

Nas reuniões de avaliação as participantes faziam suas colocações sobre os encontros já realizados e ressaltavam temas que julgavam mais importantes serem discutidos.

Como consta no próprio projeto, as avaliações do grupo aconteceram de forma contínua, juntamente com os membros do grupo.

“É muito bom”;

“Até no conversar em casa está se aprendendo muito”.

Quanto aos próximos encontros percebeu-se a necessidade de trabalhar sobre adolescência e relação pais e filhos, conforme as falas que seguem:

“Possuo um conflito interno com meu filho, pois ele não tem um bom relacionamento com o padrasto”;

“Tenho conflito com meu filho de 12 anos”;

“Minha filha de um ano e quatro meses possui perturbações noturnas, não consegue dormir à noite nem tomando calmantes”.

Após três encontros pode-se observar que o grupo já tem claros seus objetivos, unidos tomam decisões buscando resolver questões que são de interesse comum a todos. Neste momento, quando o grupo supera seus medos e restrições, entra na tarefa, centrando-se assim na ação.

5º ENCONTRO: Liberdade, Limites e Responsabilidades

Conforme as participantes haviam solicitado no último encontro, o tema trabalhado neste dia seria: Liberdade, Limites e responsabilidades, tendo em vista a dificuldade de relacionamento que estavam tendo com os filhos.

A equipe que se responsabilizou pelo encontro foi do programa Liberdade Assistida.

Através de uma palestra abordou-se os direitos e deveres da criança e do adolescente, enfatizando a importância de estabelecer limites e regras aos filhos para que assim os respeite e que se adquira respeito.

De acordo com Guimarães (2002), “reconhecer limites e refletir sobre o papel da autoridade nas relações familiares e grupais são questões bastante difíceis para todas as pessoas atualmente”.

Neste encontro as mães estiveram pouco participativas, porém muito atentas à palestra, recorrendo a quem estivessem ao seu lado caso perdesse um diálogo.

6º ENCONTRO: Trabalho Infantil

O Programa de Erradicação do Trabalho Infantil abordou a questão da violência praticada com as crianças, principalmente através do trabalho infantil. Algumas das famílias que fazem parte do grupo, foram inseridas na instituição por motivo de trabalho infantil. Sendo assim, considerou-se importante discutir sobre este tema.

A Assistente Social Rúbia ressaltou, quanto aos danos que o trabalho infantil traz para a vida das crianças, principalmente afastando-as da escola.

Através de uma dinâmica onde cada participante colocava o que entendia por escolaridade e trabalho foram esclarecendo-se dúvidas, por exemplo, algumas acreditavam que enquanto a criança estivesse trabalhando estaria afastada a possibilidade de envolvimento com drogas e tráfico. Porém esquece-se que ao mesmo tempo estavam perdendo a oportunidade de frequentar a escola para ter que acompanhar os pais. Através do depoimento de outras mães elas passaram a perceber o erro.

Gayotto (1985) coloca que “o grupo operativo, ao centrar-se na tarefa do grupo, faz com que as pessoas pensem juntas as ações que desenvolvem, e desta forma compreendam os obstáculos que surgem à luz do que cada um é, a forma com que se relacionam com o grupo para atender as necessidades das pessoas e como a necessidade de cada um se articula e constitui a necessidade dos demais”.

As mães sentiam-se muito satisfeitas e importantes em saber que com aquele diálogo podiam colaborar com as demais.

7º ENCONTRO: Violência

A equipe do programa Sentinela trabalhou o tema violência através de um vídeo ‘Criança, o direito de ser amada’, o filme abordava a questão da violência doméstica, psicológica, sexual e

outras. Algumas mães que se encontravam separadas afirmavam que tinham receio de ter outros relacionamentos com medo do companheiro violentar seus filhos.

Para trabalhar com estas questões e as apresentadas pelo filme, a Educadora Eunice fez a leitura de uma história, que falava do amor dos pais pelos filhos. A importância de agradar, cuidar, impor limites no momento certo, dizer não e demonstrar o amor que sentem por eles.

Neste momento muitas mães queriam expor experiências de seu relacionamento com os filhos, que apesar de conflituoso, continha muito amor.

Neste sétimo encontro, já se percebe mudanças nas pessoas, no início tinham vergonha e medo de se expressar, quando se tratava de assuntos como violências e drogas preferiam apenas ouvir e com o desenvolvimento do grupo, a participação de umas favorecia a participação das outras.

Gayotto (1985) afirma que “um grupo é operativo quando entende que na ação conjunta é que se forma e se transformam as pessoas e os grupos e assim vão vencendo as dificuldades. A cooperação, quando uns ajudam os outros em suas limitações, é um dos indicadores que contribuem para analisar como o grupo está caminhando”.

Neste encontro apareceram duas questões que dificultaram o andamento do grupo, uma delas foi quanto ao número excessivo de crianças que acabavam desviando a atenção das mães e a outra pela presença de pessoas que não eram do grupo, mas que ao tomarem conhecimento da existência desse tipo de dinâmica resolveram participar. Foi acordado que no próximo encontro de avaliação seriam retomadas estas questões, para obter-se possíveis soluções.

8º ENCONTRO: Avaliação

Como combinado na reunião anterior retomamos os questionamentos no qual as mães foram as primeiras a apontarem as questões a serem discutidas. Elas sentiram-se incomodadas

com a presença de participantes diferentes alegando que mudaria a dinâmica do grupo pelo fato de todas já se conhecerem.

Gayotto (1985) coloca que os participantes, “ao ingressarem em um grupo, têm os outros no pensamento através das relações que estabelecem no grupo”.

Desta forma, as pessoas que não iniciaram com o grupo, foram orientadas a aguardarem o início de um novo grupo. A equipe de profissionais presentes ressaltou a importância da concentração das mães durante as atividades, as quais elas mesmas pontuaram estar sendo prejudicada pelo excesso de crianças.

De acordo com Zimmerman (1997) um grupo não é um mero somatório de indivíduos, pelo contrário, ele se constitui, como nova identidade, com leis e mecanismos próprios específicos.

Neste sentido foi muito interessante observa-las fazendo articulações entre si, para ver com quem poderiam deixar as crianças. Uma colocavam para as outras: “podemos deixar com a minha irmã”, “neste dia minha sogra está em casa”.

Mais uma vez se observa a cooperação existente entre os membros do grupo. Os temas mais sugeridos para os próximos encontros foram: saúde, violência, drogas e educação.

9º ENCONTRO: Drogas

O tema escolhido para esta reunião foi drogas. Através de uma palestra foram abordados vários tipos de drogas, bem como as consequências causadas ao organismo da pessoa, também fizeram parte das discussões os tipos de tratamentos destinados aos dependentes químicos.

Conforme relatos das mães, muitas famílias apresentam, através de seus membros, envolvimento com drogas. Neste sentido, foi enfatizada a importância do tratamento ao dependente, seja pelas clínicas especializadas, fazendas e demais instituições, principalmente o apoio da família.

Entre as participantes uma colocou sua própria experiência com um membro da família, o qual causou muito sofrimento. Porém, afirmou que após muito tempo conseguiu superar a dor.

Guimarães (2002) “aponta que a possibilidade de estar em grupo favorece, enfim, a reconstrução de histórias de vida, é o espaço de revivescência dos sentimentos e emoções que estavam reprimidos e possibilita ressignificar acontecimentos e situações”.

Apesar do grupo centrar sua tarefa na aprendizagem, pode-se perceber que às vezes assume um caráter terapêutico.

10º ENCONTRO: Sexualidade e planejamento familiar

Para abordar o tema sexualidade e planejamento familiar foi convidada uma médica para ministrar a palestra, tendo em vista que a expectativa por parte das mães era grande e a equipe não dispunha de todos os artifícios para esta discussão.

A médica iniciou a exposição falando da importância de conhecer o próprio corpo, de utilizar métodos anticoncepcionais nas relações, do planejamento familiar, da importância e do valor da relação feita com amor.

Após a exposição da médica as mães passaram a expor suas experiências. Algumas relataram que na maioria das vezes mantinham relações por obrigação do companheiro sem sentir prazer, porém outras afirmaram ter um bom relacionamento e ter prazer nas relações.

As mães participaram atentamente das discussões, ora colocando suas experiências ora identificando-se com outras.

Quanto aos métodos contraceptivos, a grande maioria não tinha conhecimento, a não ser a camisinha, mas nem todas utilizavam.

Ressaltou-se a importância do uso de métodos anticoncepcionais, principalmente para resguardar a saúde de ambos e para não engravidar em momento que o casal não tenha planejado.

No final foram entregues preservativos masculinos e informativos.

11º ENCONTRO: Habitação e moradia

Grande parte das famílias apresentava aspectos precários de moradia, constatados em visitas domiciliares, sendo assim, atendendo à solicitação das mães o tema proposto para esta reunião foi moradia e habitação.

Para auxiliar nas discussões foram convidadas uma Assistente Social da Secretaria da Habitação e uma Socióloga.

As questões abordadas se referia à limpeza das casas, do quintal e de todos os utensílios que compõem a moradia de cada um. Para dinamizar o encontro as convidadas realizaram uma atividade na qual as mães aprenderam a fazer sabão. O interesse foi instantâneo e estava explícito nos olhares de cada uma, juntas uniram os ingredientes, iniciaram o preparo com o auxílio da Socióloga e ao ficar pronto, em menos de dez minutos, dividiram igualmente entre si.

As famílias passam por privações financeiras e, muitas vezes, conforme uma mãe relatou, lavam as roupas e louças apenas com água, neste sentido consideraram válida a proposta realizada neste encontro, além claro das orientações feitas no decorrer da realização da tarefa.

Pode-se observar através desta atividade a concretização de uma tarefa realizada pelo grupo, centrada no compromisso, cooperação, concentração, comunicação e aprendizagem indicativos que caracterizam o bom andamento do grupo.

12º ENCONTRO: Avaliação

Neste encontro foram feitas algumas avaliações no qual as mães levantaram as dificuldades que encontram no cotidiano dentro da comunidade, como: dificuldade no atendimento de saúde, a falta de saneamento básico e a crescente violência devido ao tráfico de drogas.

Ao começar cada uma a expor sua necessidade, percebeu-se que o problema era coletivo e quanto ao saneamento decidiram procurar a Secretaria de Saúde. Já quanto ao atendimento médico a médica da instituição se disponibilizou para os atendimentos.

O 13º e 14º ENCONTRO: Educação e Drogas

Ambos abordaram questões que já haviam sido discutidas porém ainda não superadas, como educação e drogas. Através de palestra foram expostas questões e em seguida iniciaram as discussões.

Percebe-se uma grande preocupação por parte das mães, na dificuldade de ingressar os filhos nas escolas por falta de vaga e ainda mantê-los longe das drogas com a criminalidade e violência tão presente. Através de uma dinâmica com música, refletiu-se sobre estas questões por elas apontadas, mas como um problema geral por que passa toda a sociedade, na qual se busca através de ações coletivas, como as realizadas pelo grupo, superação para os problemas.

As participantes estiveram plenamente envolvidas com a discussão, procurando sanar suas dúvidas e auxiliar nas dos demais.

Uma das mães colocou que havia sido usuária de drogas e só conseguiu tomar consciência e buscar ajuda quando percebeu que poderia ser afastada de seus filhos. O amor pelos filhos foi mais forte e possibilitou essa mudança, porém, como ela mesma afirmou, “você mesma tem que querer”.

15º ENCONTRO: Orientação e Educação aos filhos

Tendo em vista a necessidade de se discutir questões de relacionamento com os filhos, apontados pelas próprias participantes, a equipe responsável por este encontro convidou duas

palestrantes do CASA – Centro de Assessoria à Adolescência, para abordar com maior conhecimento o tema.

Abordou-se a questão da adolescência, suas fases e implicações. As mães participaram ativamente realizando questionamentos referentes a vivências próprias, porém, os mesmos não puderam ser registrados pelo fato de estarmos juntamente envolvidos com a discussão do grupo.

16º ENCONTRO: Avaliação

O último encontro foi referente à avaliação de todos os demais e a finalização do mesmo.

Uma profissional da equipe prestou uma homenagem a todo grupo através da apresentação de seu filho que é músico. Foram feitos agradecimentos pela participação e pelo compromisso que todas tiveram umas com as outras, seguido de algumas colocações e sugestões:

“Hoje percebo que sou alguém, que tenho esperança”;

“Aprendi a me controlar, falar com filhos, toda terça-feira um assunto diferente foi muito bom”;

“Gostei do assunto de violência e drogas. Cada dia aprendia mais”;

“Gostaria de discutir mais sobre relacionamento de marido e mulher”;

“Ótimo, melhorou muito meu relacionamento com meus filhos adolescentes”.

Em geral as colocações nortearam questões como participação, o cuidado consigo mesma, auto-estima, a identidade com o grupo, o relacionamento e a dinâmica familiar.

Este encontro foi registrado em fita de vídeo e em fotografias.

Conforme citado anteriormente, as mães propuseram para um próximo grupo, trabalhar através de oficinas e trabalhos manuais.

Quanto à avaliação do grupo, por parte dos profissionais, fez-se de maneira positiva tal como podemos observar no seguinte relato:

“A avaliação deste trabalho tanto pelas componentes do grupo, quanto para as profissionais que acompanharam este, foi positivo. Sendo que as integrantes mostraram a partir das reuniões, através de palavras e relatos, a melhoria da qualidade de seus relacionamentos com familiares e começaram a traçar objetivos para melhorar suas vidas. A experiência a partir do grupo Acolher mostrou que o trabalho sistemático com as famílias é uma forma que as mesmas tem para alcançar autonomia e melhorarem a qualidade de vida”.

De acordo com esta mesma entrevistada, os motivos que impediram a continuidade do projeto, foi a falta de apoio da instituição, bem como de profissionais, que corresponde com as afirmações seguintes:

“O principal entrave continua sendo as demandas crescentes de cada programa, as quais não são compatíveis com o número de profissionais, com a estrutura física e com as condições de trabalho que pouco se alteram. Também falta maior articulação e planejamento das ações que são prioritárias pela Cidade da Criança, onde o interesse da instituição necessita estar em consonância para que haja a continuidade esperada pelos programas e famílias. Podemos dizer que as expectativas das famílias não estão sendo respeitadas, conforme decisão assumida pela Instituição no final de 2002, de continuar os trabalhos com grupos”.

“A continuidade do grupo vem sendo planejada. Envolve um entendimento com a Sra. Secretária do Desenvolvimento Social, um planejamento de novas atividades propostas, espaço físico, suporte financeiro para lanches e material a ser usado na proposta geração emprego-renda. ‘o sonho não acabou’ e muito menos o compromisso dos profissionais que idealizaram o grupo”.

Após avaliação do Projeto, pretendeu-se dar continuidade a esse grupo conforme sugerido, através de oficinas articulando assim um possível Acolher II, para as mães que participaram deste primeiro grupo e iniciar um outro, com novas famílias para o Acolher I, porém, devido ao

reduzido quadro de funcionários em que se encontram os programas e a saída de mais duas estagiárias impossibilitou assim a volta da atividade do projeto até o presente momento.

No próximo item será apresentado, através da pesquisa, o projeto Acolher no olhar das pessoas que o integraram, ressaltando a importância do mesmo para as famílias.

2.2 A REALIDADE DESVELADA PELA PESQUISA

Tendo em vista a experiência vivenciada com as famílias do Grupo Acolher, verificou-se a necessidade de realizar uma pesquisa, com o objetivo de avaliar o significado e a importância que esse processo assumiu em suas vidas.

Dessa forma, procedemos à elaboração de um projeto de pesquisa, cujo objetivo geral é verificar a importância do Grupo Acolher, no olhar das pessoas que participaram, ressaltando as possíveis mudanças que ocorreram nas relações familiares.

Como objetivo específico buscaremos descrever a importância da abordagem grupal para as famílias, como agente formador de sujeitos históricos³.

A pesquisa realizada com as famílias será de caráter exploratório, que, segundo Selltiz:

“tem como objetivo a formulação de um problema para investigação mais exata ou para criação de hipóteses, podendo ter outras funções como: aumentar o conhecimento do pesquisador acerca do fenômeno que deseja investigar em estudo posterior, mais estruturado, ou da situação em que pretende realizar tal estudo; o esclarecimento de conceitos, o estabelecimento de prioridades para futuras pesquisas; a obtenção de informações sobre possibilidades práticas de realização de pesquisas em situação de vida real e ainda apresentação de um recenseamento de problemas considerados urgentes por pessoas que trabalham em determinado campo de relações sociais”. (Selltiz, 1975 p.60).

³ Por *Sujeitos históricos* entendemos como aquele sujeito responsável por sua própria história de vida. Segundo Freire (1974, p.10) na objetivação transparece, pois, a responsabilidade histórica do sujeito: ao reproduzi-la criticamente, o homem se reconhece como sujeito que elabora o mundo; nele, no mundo, efetua-se a necessária mediação do auto reconhecimento que o personaliza e o conscientiza como autor responsável de sua própria história.

Os dados serão fornecidos através de entrevista semi-estruturada, com questões abertas no qual a pessoa tem oportunidade de responder livremente com suas próprias palavras, sem uma referência pré-estabelecida para a resposta.

De acordo com Selltitz (1975, p.272), “a flexibilidade da entrevista faz dela uma técnica muito melhor para a exploração de áreas nas quais existe pouca base para saber quais as perguntas devem ser feitas ou qual a maneira de fazê-las”, ou seja, ela permite que o entrevistador interaja com o entrevistado, visando a coerência das respostas, observando não apenas o que ele diz e também como diz.

No universo de 15 famílias que participaram do projeto, será usada uma amostra de 34%⁴, que corresponde a 5 participantes. A entrevista será realizada em visitas domiciliares ou na própria instituição.

A análise da pesquisa será feita mediante reflexão das respostas, que primeiramente serão registradas através de aparelho eletrônico (gravador) e posteriormente redigidas para análise.

O roteiro de entrevista apresentou as seguintes questões:

1. Como se sentiu ao ser convidada a participar do grupo?
2. Que avaliação você faz dos encontros? Como foi para você?
3. Qual ou quais mais gostou? Por quê?
4. O que achou das dinâmicas e palestras realizadas?
5. O que considera que poderia ter sido diferente?
6. Em que o grupo pôde contribuir na sua vida/família?
7. Como era seu relacionamento com os membros do grupo?

⁴ Segundo Gil, (1996, p.56) o índice estatisticamente definido para uma margem de erro que não comprometa a pesquisa, é de 10%.

8. Como avalia sua participação no grupo?
9. Alguém em sua família notou alguma diferença em você?
10. Você vê diferença em como era sua vida/família antes do grupo e hoje? Que expectativa deixou?

As entrevistas foram realizadas na residência das famílias, sendo que apenas uma aconteceu na própria instituição pelo fato da pessoa estar na instituição e ter se disponibilizado a ser entrevistada naquele momento.

Passaremos agora a analisar o conteúdo obtido nas entrevistas, e para melhor compreensão desta análise, as colocações serão dispostas de acordo com as temáticas apresentadas pelas entrevistadas em seus relatos.

Ao serem indagadas sobre o início da formação do grupo, de maneira geral consideraram importante o convite, ainda que desconhecessem a proposta do mesmo, por favorecer um espaço de distração e lazer como se pode observar nas seguintes falas:

“Eu fiquei na expectativa pois não sabia muito bem o que iria acontecer, mas depois que começou e participei, gostei”;

“Quando fui convidada, vi como uma ocupação, pois não tínhamos muito que fazer no dia a dia. Quando comecei a participar vi que era mais importante que pensava e continuei”.

No início as pessoas se sentiram muito confusas e apreensivas quanto ao propósito do grupo, isso se deve ao fato de não ter tido outras oportunidades de realizar anteriormente este tipo de atividade a que se propôs o Grupo Acolher.

“No começo vi como uma coisa legal porque não tínhamos nada pra fazer, quando comecei a participar, gostei”.

Após começarem os encontros, gradativamente se pôde perceber alterações, no que se refere a atitudes e posturas frente a relacionamentos, sejam eles familiares ou com as demais

pessoas de convívio. Quanto à efetiva contribuição do grupo na vida das participantes e de suas famílias, podemos analisar tendo em vista os seguintes aspectos: relacionamentos familiares, auto-estima, a percepção de identidade e ainda fatores estruturais e econômicos que vêm propiciar maior emancipação da família.

“Eu aproveitei muito cada encontro, às vezes aconteciam coisas em casa que achava que só minha família que passava por aquela situação e junto com as demais pessoas do grupo percebi que todos têm seus problemas, mas se foram compartilhados podem ser mais fáceis de resolver”.

“Me senti nivelada, igual as demais participantes e sempre que precisei colocar minhas opiniões fui ouvida. Percebi que as pessoas tinham prazer em ser ouvidas e também em escutar as experiências alheias”.

“Sempre fui muito nervosa e pensava que somente eu tinha tantos problemas e depois que comecei a participar do grupo percebi que algumas eram iguais a mim”.

Neste momento as pessoas passam a se perceber como sujeito coletivo, inseridos em um contexto no qual as demais pessoas fazem parte de sua história de vida, vão aos poucos criando uma consciência coletiva construída frente a fenômenos que por sua vez lhes foram apresentados.

Apesar das respostas serem diversificadas as afirmações feitas pelas entrevistadas, seguem uma linha de aprovação da atividade proposta, tal como se pode observar quando colocam sobre a contribuição do Acolher em suas vidas no que se refere aos relacionamentos:

“Como falei anteriormente, a maior contribuição que pude obter foi no relacionamento com meu filho. Antes pensava que só se apanhasse resolveria, ele me entenderia e respeitaria, porém, aprendi que as coisas não se resolvem assim. Agora procuro sempre conversar e espero que continue assim. Penso muito na vida dele, ele só pensa em ficar na rua em más companhias e às vezes não me obedece, tenho muito medo que ele se perca na vida. Com o grupo compreendi como melhor conversar com ele e enfrentar estas situações”.

Este fator ficou extremamente presente nas colocações que as entrevistadas fizeram ao serem indagadas sobre qual encontro haviam gostado mais. As respostas foram praticamente unânimes, no qual se referiam ao 5º e 15º encontro, cujos temas eram Liberdade, Limites e Responsabilidades e Orientação e Educação aos filhos

“Eu nunca tive muita paciência com os filhos e aos poucos, com as atividades que realizávamos com o grupo consegui mudar de comportamento e tratá-los melhor. Meu marido fuma maconha e sempre nos desentendíamos quando fumava em casa, com as palestras e o que aprendi no grupo procuro repassar para ele e para meus filhos”.

“Eu gostei muito daquele encontro que demonstrou como devo tratar os filhos, na época eu não tinha muita paciência e só brigava, depois que comecei a participar parei para pensar e ter mais cuidado com eles. Até hoje sinto que mudei muito”.

“Gostei muito do encontro que teve um filme, pois mostrava a importância de se amar um filho e não apenas bater, foi o que mais aproveitei. Eu me identifiquei com a personagem da mãe que sempre surrava o filho para que ele a compreendesse.”

“Eu gostei muito do filme pois mostrava como educar os filhos sem agressividade e com a troca com as amigas do grupo aprendemos muito”.

“As mães devem saber como lidar com os filhos para ter um bom ambiente familiar”

“Eu acho que quanto à educação dos filhos e relacionamentos foi o mais importante. É como se nossa mente estivesse vazia e com o grupo a preenchêssemos. Meu marido disse que quando eu comecei no Grupo Acolher, eu fiquei diferente, eu ouvia dava conselhos e não era tão bruta com os filhos. Realmente me sentia muito bem”.

“O que mais mudou na minha vida foi a melhora no relacionamento com meus filhos. Aprendi muita coisa e também quero que eles continuem aprendendo através do estudo. Quero muito que eles continuem estudando para que no futuro consigam bons empregos. Meu filho diz

que quando participava do Grupo eu conversava e não gritava com ele e hoje procuro lembrar disso para não brigar”.

Através das discussões e das atividades práticas realizadas no grupo, as participantes afirmaram obter maiores subsídios para manter um bom relacionamento com os filhos, tendo em vista a troca e o crescimento que tiveram umas com as outras.

Uma questão muito observada no início do grupo Acolher, conforme consta em relatos anteriores, foi a presença de agressividade no relacionamento dos pais com seus filhos. Este quadro de violência vem crescendo muito com relação às crianças e suas famílias, na maioria das vezes decorrente de defeitos no processo de integração social do indivíduo, ou até mesmo de sua ausência.

Como podemos observar, há uma grande dificuldade das mães em pontuar limites aos filhos. Quando falam de educação se referem ao respeito, à obediência dos mesmos para com elas e com o restante da família. Há uma preocupação destas mães com o envolvimento de seus filhos nas drogas e na criminalidade, segundo elas, questões cada vez mais crescentes na comunidade que vive à margem da vulnerabilidade.

Algumas entrevistadas apontaram alterações que se direcionam na questão da elevação da auto-estima, fator observado através de mudanças de atitudes e das falas que se seguem:

“Quando temos filhos, na maioria das vezes, descuidamos um pouco de nós e passamos a nos preocupar com eles. Depois que comecei a participar do Acolher passei a olhar mais para mim, me cuidar e despertou também a vontade de proporcionar aos outros o mesmo que vivi. Eu e algumas pessoas da igreja aqui do bairro montamos um grupo, para discussão e leitura da Bíblia, por enquanto somos em sete. Quando nos encontramos procuramos conversar e uns aos outros apoiar, nos momentos de maior dificuldade da família”.

Como se pode observar a prática do Grupo Acolher proporcionou iniciativa própria das participantes, como forma de enfrentamento de questões externas ao Grupo.

“Eu gostava quando trabalhávamos através de recortes de revistas, era muito interessante. Colocávamos nas figuras aquilo que estávamos sentindo, a gente expressa o que sente e às vezes o que gostaríamos de estar sentindo ou vivendo”.

“Achei interessante quando fizemos colagem nos cartazes, me lembrou o pouco tempo de escola que era muito bom, faz bem pra mente da gente. Pra mim estava bom, não precisaria ser diferente”.

“Eu me considerava uma pessoa muita fechada, sempre senti muita vergonha diante das pessoas, mas no grupo, onde todas eram iguais e se tratavam como tais, passei a trabalhar essa vergonha. Aprendemos a nos comunicar umas com as outras, vimos que o que passamos em casa o outro também poderia estar passando e juntos nos ajudávamos”.

O grupo às vezes assume uma função terapêutica, no qual as pessoas reavaliam histórias e momentos de suas vidas compartilhadas com os demais membros pela busca por modificações positivas.

De acordo com as entrevistadas algumas mudanças vividas no período de participação do grupo, puderam ser observados pelos filhos e demais membros da família, conforme a seguinte fala:

“Minha irmã disse que eu mudei bastante a minha maneira de me expressar e aconselhou que eu continuasse, até mesmo no visual percebo que mudei, pois passei a me preocupar em me arrumar melhor e cuidar de mim”.

Um fator que favoreceu o andamento do grupo, foi o bom relacionamento entre as participantes. Algumas se conheciam pois moravam no mesmo bairro e desta forma

apresentavam maior afinidade, as que provinham de outros bairros passaram a integrar o grupo sem nenhum constrangimento.

“Gostei muito do vídeo, pois mostra uma linguagem de fácil entendimento e toca no coração das pessoas. Às vezes quando não se tem muita instrução a palestra dificulta o entendimento dependendo do grau de estudo que demonstra a pessoa. Eu acho que estava dando muito certo e não precisa de mudanças.”

“Creio que era uma das mais caladas, não era muito de falar, porém sempre estive muito atenta a tudo”.

Através destas colocações, cabe ressaltar a importância do profissional estar atento e ciente aos instrumentais técnicos a serem utilizados com o grupo, devendo sempre reconhecer o universo das pessoas que estão sendo trabalhadas e levando em consideração o contexto em que estão inseridas. Esta postura tende a contribuir para uma relação mais estreita entre o profissionais e os participantes do grupo.

“Sempre me senti muito à vontade, quando me quis colocar tive oportunidade e quando precisava ouvir também. Tinha Encontros que dependendo da pessoa que estivesse à frente, sentia vergonha, mas conforme fomos nos conhecendo melhorou”

As entrevistadas demonstraram muita satisfação quanto à participação que tiveram durante o desenvolvimento do Grupo. Através dos relatos que vimos anteriormente, ambas sempre se respeitaram, agindo e pensando no bem comum e no interesse conjunto.

Outro aspecto importante a ser observado, diz respeito ao limite e às privações econômicas por que passam as famílias e ainda a busca incessante por uma emancipação e libertação financeira.

“Eu gostei das palestras e dos filmes, mas talvez fosse mais interessante se fizessemos algo para ensinar umas às outras, como tricô, pintura e costura. Acho que as pessoas ficam mais

unidas quando se ajudam e isso falta principalmente no nosso bairro, pois no grupo tivemos oportunidades de nos apoiar”.

Pode-se perceber o desejo de produzir algo que lhes forneça maior independência econômica e financeira e a necessidade de estender os projetos para as comunidades, principalmente indicando para geração de trabalho e renda.

Através destes relatos pode-se observar que as pessoas conseguiram extrair algo de bom para suas vidas através da experiência que vivenciaram no Grupo Acolher. Com estas experiências passaram a criar melhores expectativas de vida para si e para suas famílias, considerando ainda que a proposta inicial do Projeto é proporcionar espaços de reflexões e debates

“Não sei citar uma, mas sei que muda muito a vida da gente, aprendemos a ouvir e com a experiência do próximo pensar alternativas para nossa vida”.

Todas as entrevistadas questionaram quanto à continuidade do Grupo, pois afirmam estar sentindo falta. Ainda que se retome as atividades do mesmo, porém, com outra proposta de intervenção, tal como oficinas e trabalhos manuais, as entrevistadas demonstraram o desejo em serem convidadas a participar novamente.

Tendo em vista todas estas colocações, avalia-se o quanto é importante propor alternativas de trabalhos para estas famílias que se encontram inseridas em programas de Assistência Social, deve-se manter viva a chama do Grupo Acolher, principalmente para que outros grupos dêem continuidade a propostas que se desenvolvam através de estratégias que favorecem a identidade coletiva dos sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática desenvolvida junto à Secretaria de Desenvolvimento Social de São José, na criação do Grupo Acolher, como uma proposta de proporcionar aos seus membros momentos de reflexão sobre a situação de opressão em que vivem submetidas, reforçou em mim a importância de uma ação profissional comprometida com as camadas menos favorecidas da população.

A possibilidade de participar do trabalho com grupos, através da técnica de “grupos operativos”, sem dúvida, me mostrou a importância da abordagem grupal como ferramenta de intervenção social junto às famílias inseridas em programas de Assistência Social, através do Projeto Acolher.

Sendo o objetivo do Projeto, proporcionar momentos de reflexões e debates, que possibilitem o conhecimento, o acesso e resgate da cidadania das famílias, a técnica de grupo operativo foi escolhida por se destacar como importante ferramenta de intervenção no trabalho social, mesmo que o conceito desta técnica não estivesse plenamente claro, inicialmente, para alguns profissionais.

Apesar de no início do trabalho com o Grupo Acolher não considerar a proposta de um grupo operativo, com o desenvolver das atividades e tarefas desempenhadas pelo mesmo, pôde-se sim caracterizá-lo como um grupo operativo, tendo em vista o conceito do autor Pichon Riviére e os resultados alcançados pela equipe na prática realizada.

O trabalho desenvolvido favoreceu a integração, participação, compromisso e o fortalecimento da auto-estima dos participantes que passaram a apresentar novas expectativas de vida. As mudanças que ocorreram em suas vidas foram significativas e demonstraram a eficácia da abordagem grupal, principalmente no que se refere à conscientização de uma identidade coletiva .

O crescimento do grupo pôde ser observado a cada encontro, quando as participantes apresentavam questões, posições e atitudes diferentes e confirmadas nos dias em que se fazia avaliações.

Com a pesquisa pudemos constatar, através do trabalho de grupos, uma nova forma de atuar do profissional de Serviço Social, no processo de intervenção junto às famílias inseridas nos programas de atendimento da instituição e a necessidade de se manter este tipo de proposta no trabalho com as famílias.

A partir da prática vivenciada aprofundei a minha reflexão de que a “técnica de grupo operativo” cria condições para que ocorram mudanças no interior das pessoas, nas relações familiares e nos demais grupos em que as pessoas estão engajadas. Entendendo que somente numa prática em que as pessoas criam uma identidade comum a partir de uma construção de idéias e ações é que alcançarão um caminho de liberdade de suas situações de opressão.

Nesse sentido, ao término do meu período de estágio, sinto-me estimulada a continuar atuando ao “Grupo Acolher”, por mim pesquisado, para dar seguimento às reflexões iniciadas no curto período de 6 meses, tentando concretizar algumas das propostas trazidas pelas integrantes de desenvolver projetos de geração de renda, como suporte à situação econômica familiar, como bem expressada na fala desta mãe:

“Não deveria ter parado, queríamos que continuasse”.

No entanto, temos consciência dos limites institucionais em função dessa continuidade do grupo, ainda que os profissionais do Serviço Social, que participaram da elaboração e execução do Projeto Acolher encontrem-se dispostos para tal.

Entendemos que, no limite da Instituição, torna-se necessário o profissional de S.S., assumir uma postura comprometida com a libertação integral das classes menos favorecidas e buscar

desenvolver um trabalho inovador que aponte nessa direção, para que não se forme o ciclo de reprodução das situações não resolvidas pelas políticas de Assistência Social de forma geral.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição Federal** (1988). Rio Janeiro: FAE, 1989.

BRASIL. LOAS – **Lei Orgânica da Assistência Social**. Lei nº 8742 de 07 de dezembro de 1993.

BRASIL. ECA – **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069 de 13 de julho de 1990.

BUFFON, Rafaela. **As possibilidades de emancipação das famílias inseridas no Programa de Orientação e Apoio Sócio-Familiar “Família Cidadã”**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant (org). **A família Contemporânea em debate**. 2 ed. São Paulo: EDUC/Cortez, 1997.

FALEIROS, Vicente de Paula. Questões presentes para o Futuro. **Serviço Social e Sociedade**. Nº 50. São Paulo: Cortez, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1974.

GAYOTTO, Maria L. C. (org). **Líder de Mudança e Grupo Operativo**. Petrópolis Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1985.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996.

GUIMARÃES, Rosamélia Ferreira. **Famílias: uma experiência em grupo**. Serviço Social e Sociedade. Nº 71. São Paulo: Cortez, 2002.

IAMAMOTO, M. V. **Renovação e Conservadorismo no Serviço Social: Ensaio Crítico**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

IAMAMOTO, M. V. **O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. São Paulo, Cortez, 1998.

KONOPKA, Gisela. **Serviço Social de grupo: Um processo de ajuda**. 4 ed. Rio Janeiro: Zahar, 1977.

MARTINELLI, M.L. **Serviço Social: identidade e alienação**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

MINAYO, M. C. S. (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MINICUCCI, Agostinho. **Técnicas de trabalho em grupos**. 2 ed. São Paulo: Atlas S.A, 1992.

MINUCHIN, Salvador. **Famílias funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

MIOTO, Regina Célia Tamasso. Família e Serviço Social: Contribuições para o debate. **Serviço Social e Sociedade**. São Paulo, nº 55, Cortez, 1997.

_____. Famílias e Saúde Mental: contribuição para reflexão sobre processos familiares. **Revista Katállysis**, Florianópolis, nº 2, 1998.

_____. Cuidados Sociais Dirigidos à Família e Segmentos Sociais Vulneráveis. In: **Capacitação em serviço social e políticas social, módulo 4**. O trabalho do assistente social e as políticas sociais. Brasília: UNB, 2001.

OLIVEIRA, Dayane. **A importância da dinâmica de grupo como instrumento primordial no trabalho com grupos: uma contribuição do grupo de adolescente do SESC.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.

OLIVEIRA, Heloisa M. J. **Assistência Social: do discurso do estado à prática do serviço social.** 2ª edição. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

PEREIRA, Willian. C.C. **Dinâmica de grupos populares.** Petrópolis, Editora Vozes – 19 ed. 2003.

PICHON – RIVIERE, Enrique. **O processo grupal.** 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

PREFEITURA Municipal de São José. **Programa do Centro Integrado de Atendimento à Criança ao Adolescente e a Família.** Secretaria do Desenvolvimento Social, 2003.

RODRIGUES, Gisely. No cotidiano da profissão: **A prática profissional dos assistentes sociais que trabalham com famílias.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002.

RODRIGUES, Maria Lúcia. **O Trabalho com grupos e o Serviço Social.** São Paulo: Cortez, 1978.

ROSAL, C. P. **O Trabalho com Grupos no Serviço Social.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1996.

SARTI, C. **A Família como espelho.** Cortez, São Paulo. 1996.

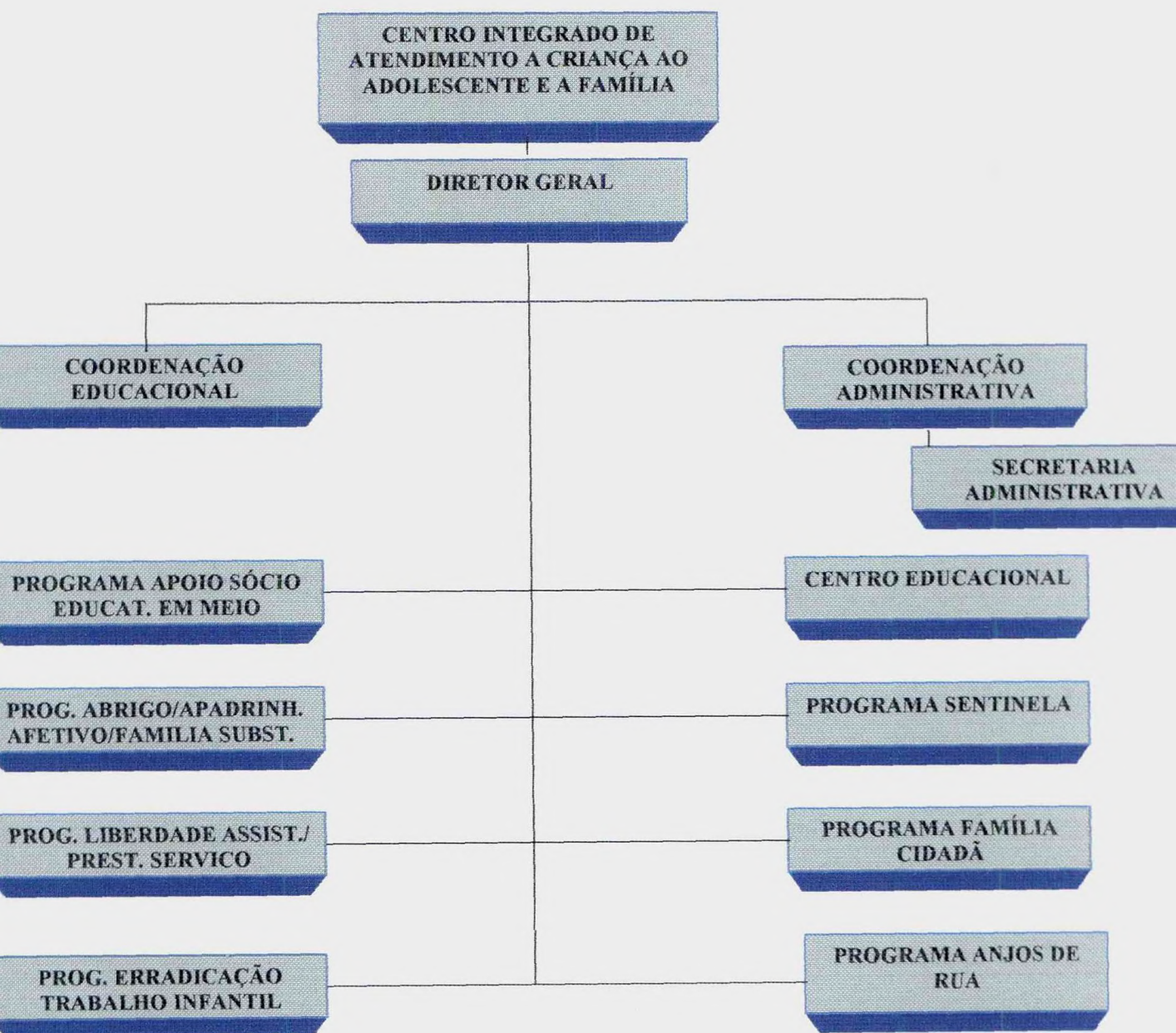
SELLTIZ, Clarie. (org). **Métodos de pesquisa nas relações sociais.** Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo: 5ª reimpressão, 1975. Tradução por Dante Moreira Leite.

SPOSATI, A.; BONETTI, D., YASBEC, M.C; FALCÃO, M.C. **Assistência na trajetória das Políticas Sociais Brasileiras**. Cortez: São Paulo, 1985.

WANDERLEY, Mariângela Belfiore. **Metamorfose do desenvolvimento de comunidade**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1998.

ANEXO I

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ
SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL
CENTRO INTEGRADO DE ATENDIMENTO A CRIANÇA AO
ADOLESCENTE E A FAMÍLIA



ANEXO II

nome:

filho:

Questionário do Projeto Acolher

Perguntas do Serviço Social:

1- Todos de sua família possuem documentação ?

() sim

() não - Quem? _____

2- Você freqüentou a escola?

() sim

() não

3- Se sua resposta foi sim, até que série você estudou ?

4- Seus filhos estão freqüentando a escola?

() sim

() não

5- Qual a sua profissão e, qual é a renda familiar?

6- Em sua família existem pessoas com:

() dependência química

() necessidades especiais

() doenças crônicas

() gestante

() mães amamentando

() desnutrição

() depressão

Perguntas da Psicologia:

1- Como você considera seu relacionamento familiar?

- ☐ ótimo
- ☐ bom
- ☐ regular
- ☐ ruim

2- Você gosta da sua imagem quando refletida no espelho?

- ☐ sim
- ☐ não
- ☐ um pouco

3- Você se considera um (a) bom(a) pai ou mãe?

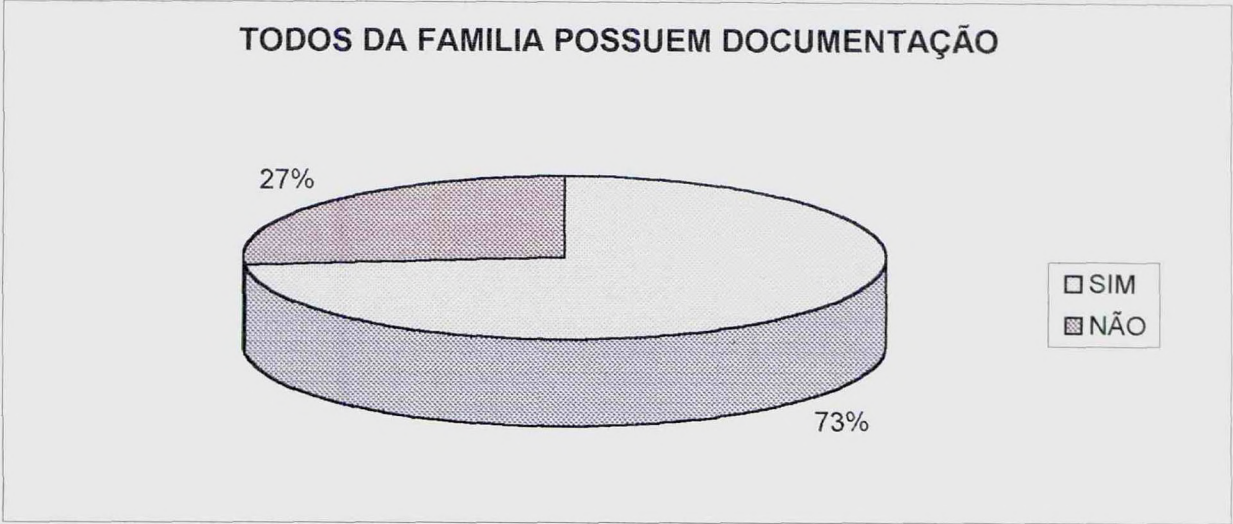
- ☐ sim
- ☐ não
- ☐ um pouco

4- Como você se sentiu ao ser convidado a participar desse grupo?

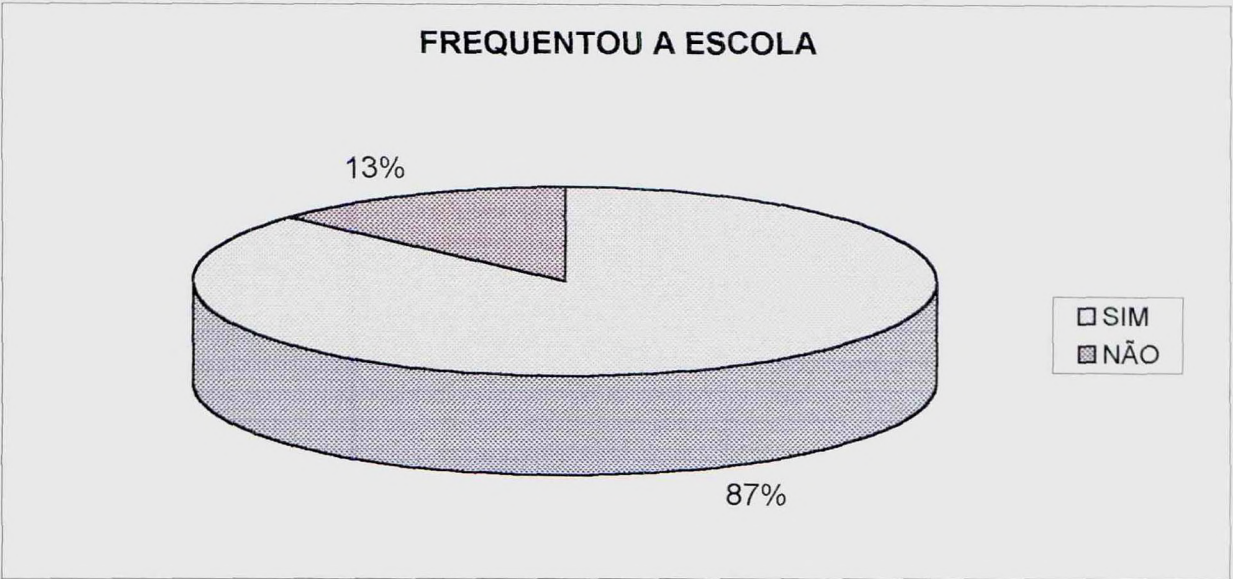
- ☐ satisfeito
- ☐ insatisfeito

Questões do Serviço Social

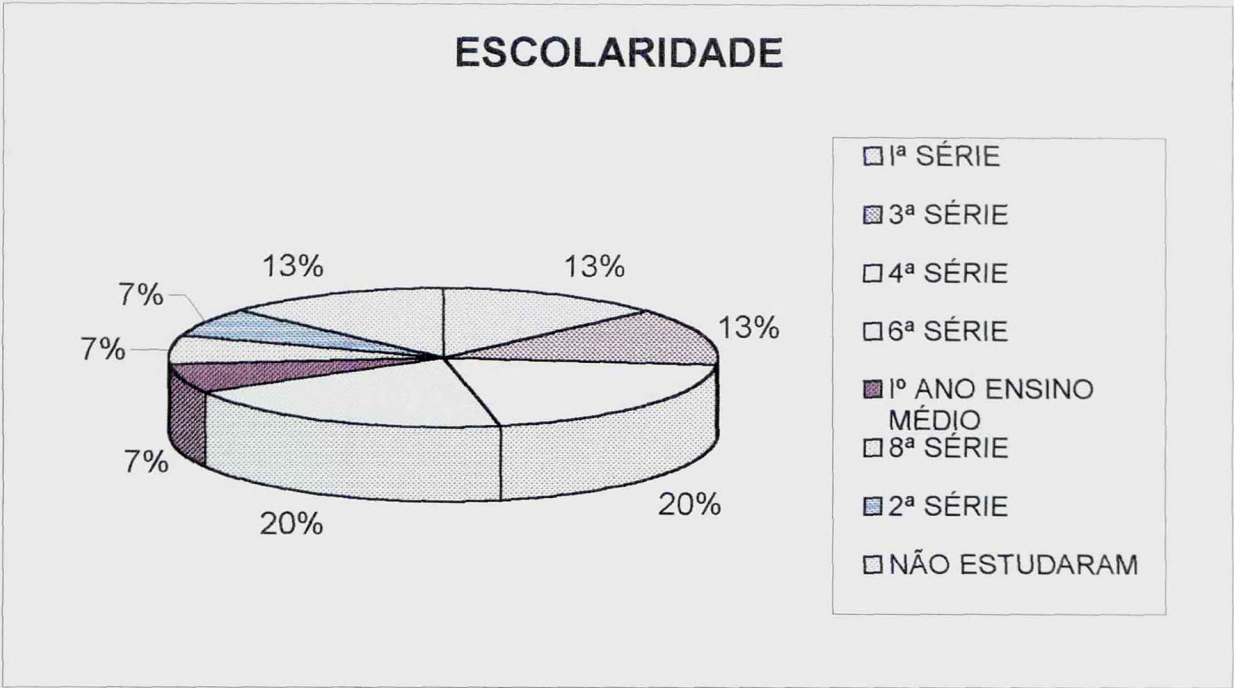
Questão 01



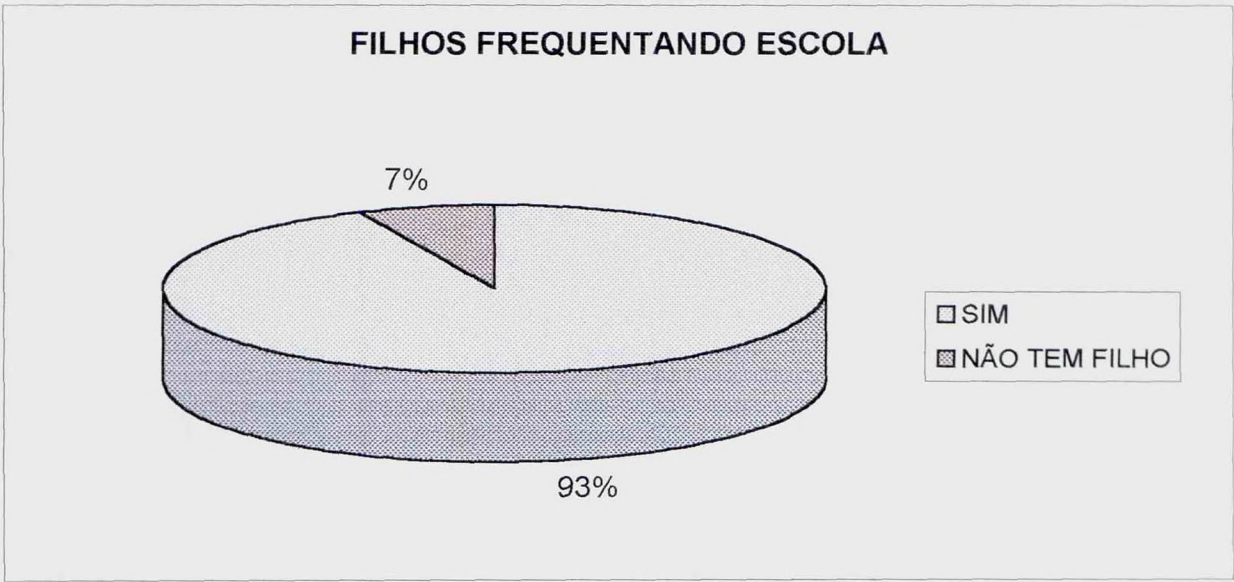
Questão 02



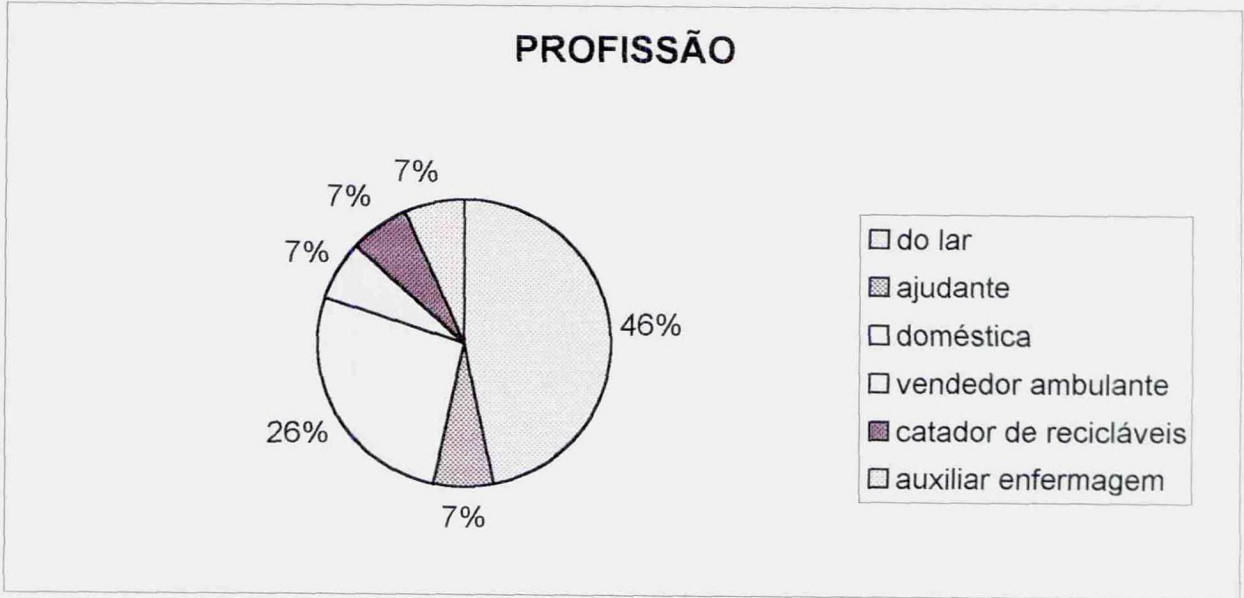
Questão 03



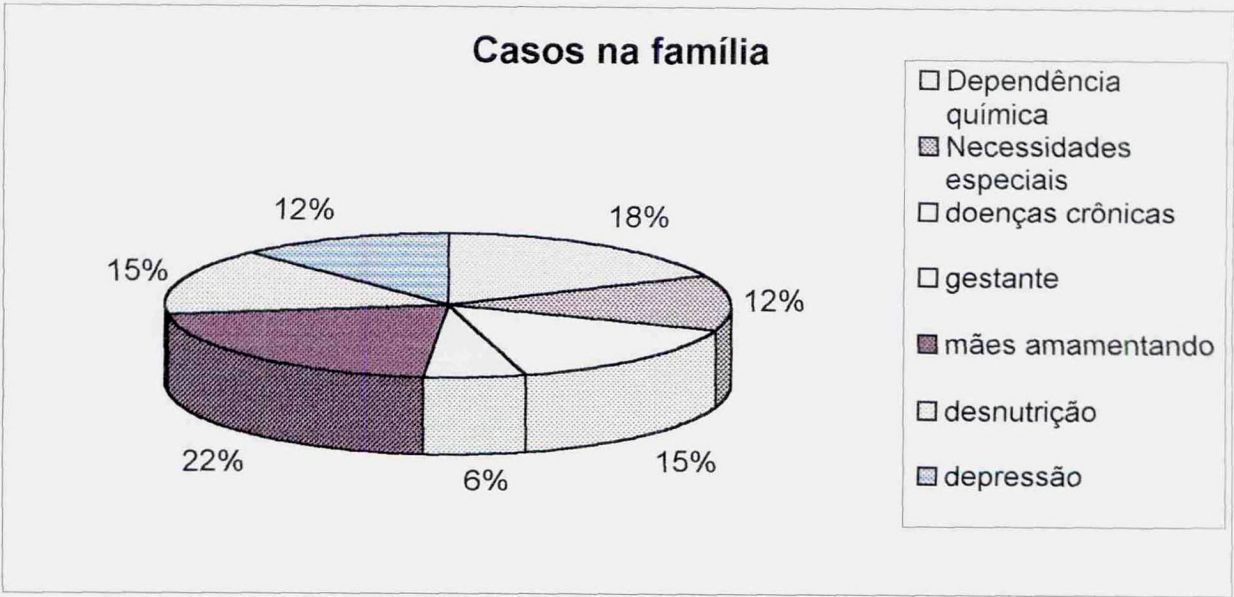
Questão 04



Questão 05

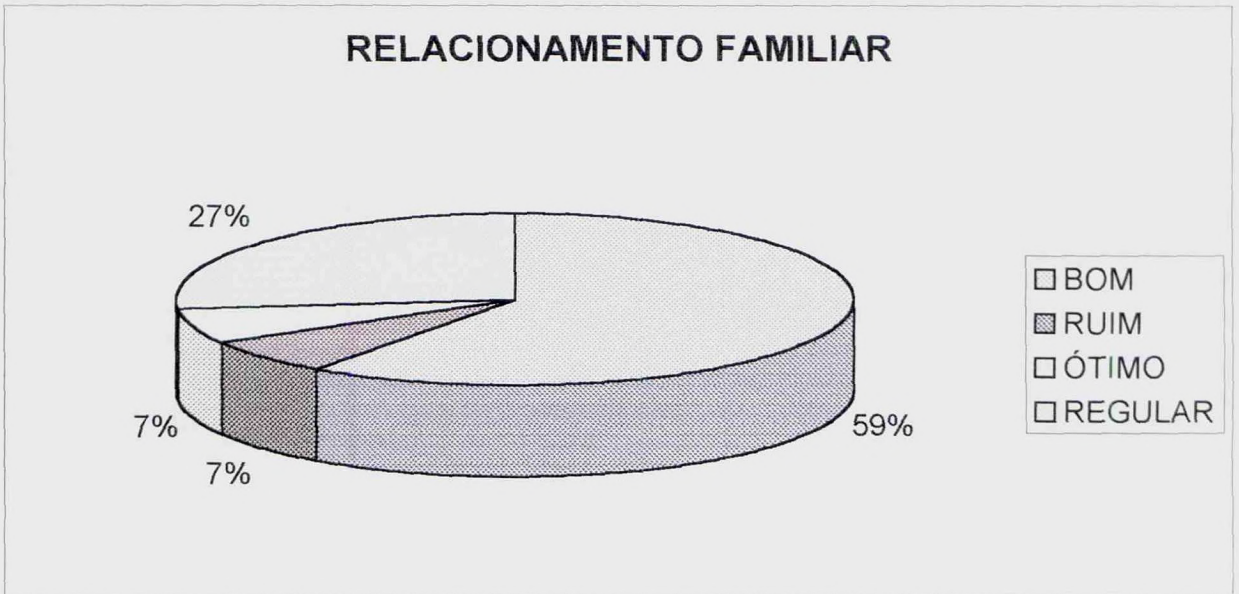


Questão 06



Questões da Psicologia

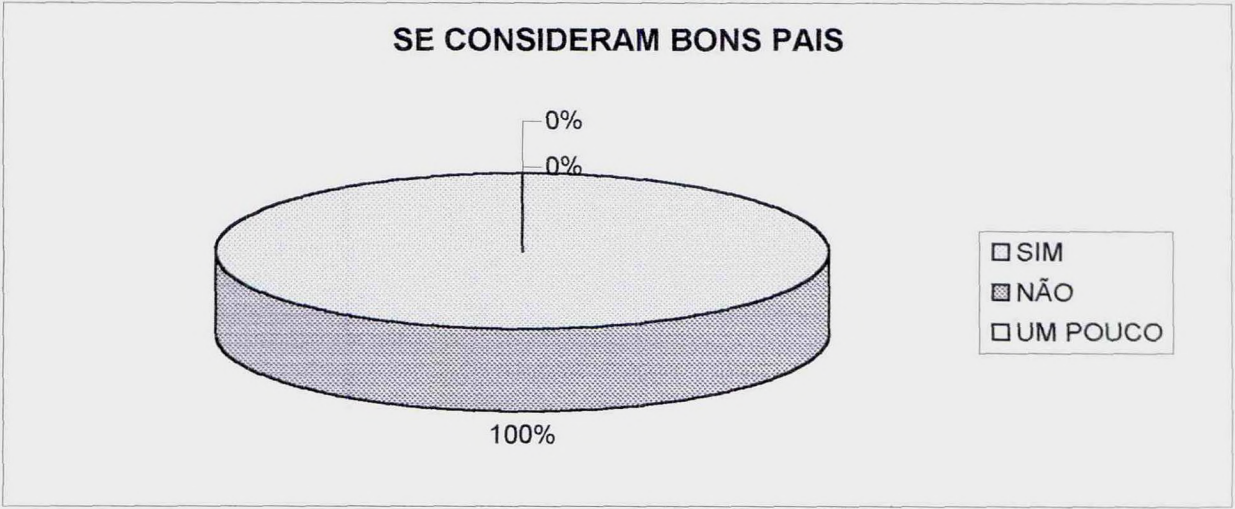
Questão 01



Questão 02



Questão 03



Questão 04



ANEXO III

Questionário Camila.

1- O grupo Acolher foi criado como alternativa de atendimento, objetivando acompanhamento sistemático a algumas famílias, acompanhadas pelos Programas da Cidade da Criança, que necessitavam deste tipo de acompanhamento, e devido a grande demanda atendida pelos Programas, e equipe técnica insuficiente, efetivou-se esta proposta de atendimento.

2- O grupo operativo foi a opção escolhida objetivando a possibilidade de troca e crescimento pessoal dos integrantes do grupo.

3-

4- A avaliação deste trabalho tanto pelas componentes do grupo, quanto para as profissionais que acompanharam este, foi positivo. Sendo que as integrantes mostraram a partir das reuniões através de palavras e relatos a melhoria da qualidade de seus relacionamentos com os familiares e começaram a traçar objetivos para melhorar suas vidas. A experiência a partir do grupo Acolher mostrou que o trabalho sistemático com as famílias é uma das formas de que as mesmas alcancem autonomia e melhore sua qualidade de vida.

5- Os motivos que impediram sua continuidade foi a falta de apoio por parte da instituição.

6- As questões foram elaboradas de levantar dados sobre os integrantes que possibilitasse um maior conhecimento destes e de suas famílias.

Entrevistado 01

- 1- Tendo em vista o fato de que as políticas sociais no século XXI vêm se redimensionando em programas cada vez mais focalizados e seletivistas, fragmentando desta forma, o atendimento prestado às famílias, o Projeto Acolher surge como uma proposta de integração dos programas disponibilizados pela SDS-São José.
- 2- O grupo operativo foi uma alternativa encontrada para se trabalhar temas pertinentes a realidade de todas as famílias inseridas, bem como, possibilitando a participação dos membros, a troca de experiências e a aprendizagem construída a partir das vivências. Englobou aspectos educativos, informativos e culturais.
Além dos aspectos trabalhados, o diferencial foi que as famílias foram trabalhadas e acompanhadas de forma contínua e sistemática durante todo o andamento do projeto, por estagiários de Serviço Social e psicologia, fato este que possibilitou um estudo social mais aprofundado e a possibilidade de posteriores encaminhamentos.
- 3- O grupo se desenvolveu de forma integrada e participativa, contando com a colaboração de vários profissionais que trabalharam diversos temas propostos, tendo em vista a realidade cotidiana. Esta técnica utilizada demonstrou ser importante, pois muitas pessoas necessitam de espaços culturais e educativos.
- 4- O grupo obteve um ótimo resultado, no que concerne à percepção das famílias atendidas. Para que alcançasse maior eficácia em suas ações exigiria uma continuidade dos trabalhos oferecidos.
- 5- A falta de recursos humanos e de disponibilidade dos profissionais já atuando, tendo em vista, a grande demanda existente nesta Secretaria. Houve um planejamento para a continuidade das ações que acabaram sendo deixadas de lado por prioridades maiores.
- 6- O questionário foi elaborado com intuito de levantar dados específicos das famílias atendidas, para que fossem identificados possíveis crises familiares que deveriam estar sendo trabalhadas no decorrer do processo.

1. Orientarem número maior de pessoas de forma sistemática, onde os temas discutidos vinham de encontro com a necessidade do grupo, favorecendo deste modo à troca de experiências, como também a conscientização do sujeito enquanto ser responsável pela vivência.
2. A utilização das técnicas de dinâmica de grupo proporciona aos participantes um amadurecimento, pois são nas interações sociais que os indivíduos se motivam, se disciplinam, sendo assim reforçados ou desencorajados para continuar agindo. Tem-se como objetivo possibilitar um espaço de troca de informações, aumento da auto-estima, autoconhecimento e principalmente auxiliá-los em seus relacionamentos sociais.
3. Sim, pois o aumento da auto-estima, a troca de informações e o interesse de aprimorar seus conhecimentos frente as dificuldades do dia-a-dia era visível em cada participante. Portanto considero a técnica bastante favorável para o desenvolvimento do grupo.
4. O grupo teve um crescimento de forma positiva, a medida que seus participantes vislumbravam um novo horizonte de vida colocando em prática.
5. Falta de interesse dos profissionais envolvidos.
6. Identificar as necessidades dos familiares, partindo então para a elaboração de temáticas para serem trabalhadas.

Saulo Xosha.

Entrevistada 03

PROJETO ACOLHER

Respostas:

1 – O grupo Acolher foi criado para atender a necessidade de se trabalhar com as famílias atendidas pela Cidade da Criança, de uma forma diferente das já constituídas no cotidiano dos programas, em que se pudesse proporcionar “momentos de reflexões e debates” que colaborassem para o fortalecimento das mesmas frente às questões sociais enfrentadas em particular por cada uma delas, respaldos em princípios de cidadania.

2 – Várias eram as dificuldades dos programas em assumir mais responsabilidades e compromissos, de tal forma que naquele momento o grupo operativo foi à saída encontrada para que se pudessem atender algumas das famílias de todos os programas e com a participação dos diversos profissionais, sem sobrecargas que acabassem inviabilizando a continuidade das atividades. O primeiro grupo foi implantado em caráter de experiência, com possibilidades de mudanças.

3 – O grupo se ateu ao proposto, tanto profissionais e os participantes. O calendário e os temas foram respeitados, sendo que a cada encontro semanal um programa ficava responsável. Realmente ocorreram reflexões e debates dentro de um contexto específico que acabaram sendo significativos. A preparação e dinâmica de cada atividade ficaram livres, mas não fugiu do que estava previsto.

4 – Pelos encontros em que programa Família Cidadã ficou responsável, podemos dizer que os resultados pareceram importantes para as famílias e profissionais, pois houve integração, crescimento da participação dos membros, fortalecimento da auto-estima e maior interesse na educação/relação com os filhos. A experiência serviu para reforçar que os trabalhos em grupos favorecem mais trocas sociais e conseguem promover mudanças e transformações qualitativas na vida das pessoas. Portanto, os grupos operativos também trazem os seus resultados, entretanto, para certas questões requerem um aprofundamento maior, uma metodologia e técnicas diferenciadas, que atendam as necessidades e interesses da demanda que provavelmente não puderam ser contemplados naqueles encontros, daquela forma.

5 – O principal entrave continua sendo as demandas crescentes de cada programa, as quais não são compatíveis com o número de profissionais, com a estrutura física e com as condições de trabalho que pouco se alteram. Também falta maior articulação e planejamento das ações que são prioritárias pela Cidade da Criança, onde o interesse da instituição necessita estar em consonância para que haja a continuidade esperada pelos programas e famílias. Podemos dizer que as expectativas das famílias não estão sendo respeitadas, conforme acabou existindo um compromisso no final de 2002 de continuar os trabalhos com grupos.

6 – O programa Família Cidadã não participou diretamente da elaboração do projeto acolher, contudo, foi consenso entre os programas que a avaliação seria realizada através de questionários frequentes, as quais acabaram por fazer parte da dinâmica de um encontro mensal. Isso possibilitou o prolongamento do grupo por mais um mês, bem como surgiram propostas para dar continuidade do mesmo grupo através de oficinas (geração de renda) para o ano de 2003 (acolher II).

Entrevistado 04

Para: Camila
De: Eunice

1. Com que objetivo foi criado o Grupo Acolher?

O Grupo foi criado considerando a necessidade de trabalhar de uma maneira mais interativa os problemas comuns ou não, envolvendo famílias em situação de vulnerabilidade social, buscando, assim, o enfrentamento destes problemas, possíveis soluções para os mesmos e a inserção social das referidas famílias, de maneira digna, no contexto.

2. Porque a escolha da técnica de grupo operativo para trabalhar com este Grupo?

Julgou ser a técnica a mais adequada e mais motivadora, considerando a clientela a ser trabalhada e os resultados mais significativos a que se propunha atingir.

3. Você considera que o Grupo se desenvolveu dentro desta técnica? Porque?

Não, considerando as atividades iniciais propostas pelos operadores do Grupo, propostas estas desenvolvidas e necessárias na busca/importância de sensibilizar o Grupo de sua condição e problemática no contexto familiar e social. Todavia, o que foi “semeado”, com certeza servirá de alicerce para planejamentos futuros e possíveis resultados, considerando a proposta de grupo operativo.

4. Que avaliação faz do Grupo?

O Grupo apresentou resultados: o desejo da continuidade por parte dos participantes, a revelação do potencial dos mesmos, a manifestação da sensibilidade e desejo em relação a novas expectativas de vida e sonhos, o compromisso, a participação, as manifestações e argumentos por parte de muitos, a interação definida.

Faltou, do meu ponto de vista, um registro mais detalhado de todos os momentos/manifestações.

5. Que motivos impediram sua continuidade?

A continuidade do Grupo vem sendo planejada. Envolve um entendimento com a Sra. Secretária do Desenvolvimento Social, um planejamento de novas atividades propostas, espaço físico, suporte financeiro para lanches e material a ser usado na proposta geração emprego-renda. “O sonho não acabou” e muito menos o compromisso dos profissionais que idealizaram o Grupo.

6. Quanto ao questionário, com que objetivo foram elaboradas as questões?

O Centro de Referência Sentinela não participou da elaboração do questionário. Acreditamos ter sido o mesmo um instrumento que serviu para uma melhor avaliação/conhecimento dos integrantes do Grupo e da técnica/proposta de trabalho a ser executada.

Entrevistada 05